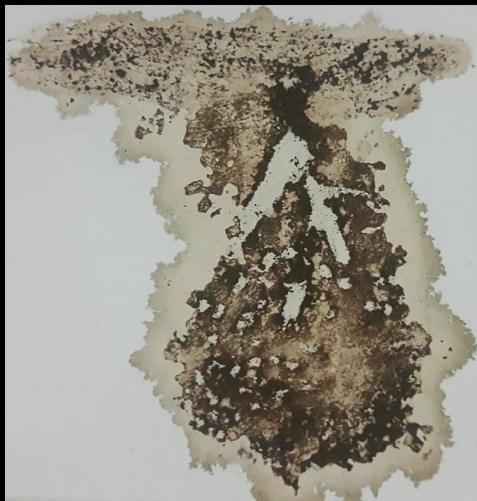


JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES

# CULTIVANDO ERVAS DANINHAS...

QUANDO A SEMENTE DE CRÁPULA  
BROTOU-ME A PENSSENTIR EDUCAÇÃO



EDITORA  
SCHREIBEN

JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES

**CULTIVANDO  
ERVAS DANINHAS...**

QUANDO A SEMENTE DE CRÁPULA  
BROTOU-ME A PENSSENTIR  
EDUCAÇÃO



EDITORA  
SCHREIBEN

2023

© José Raimundo Rodrigues - 2023

Editoração e capa: Schreiben

Imagem da capa: do autor

Revisão: o autor

*Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).*

Editora Schreiben

Linha Cordilheira - SC-163

89896-000 Itapiranga/SC

Tel: (49) 3678 7254

editoraschreiben@gmail.com

www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P696c Rodrigues, José Raimundo  
Cultivando ervas daninhas... : quando a semente de crápula brotou-me a pensentir educação. / José Raimundo Rodrigues. – Itapiranga : Schreiben, 2023.

152 p. : il. ; 10 x 15 cm + e-book

ISBN versão impressa: 978-65-5440-120-3

EISBN versão online: 978-65-5440-122-7

DOI: 10.29327/5250914

1. Educação – aforismos e apotegmas. 2. Aforismos e apotegmas - Fernand Deligny (1913-1996). I. Título.

CDU 37

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782



## O FIM DOS BONS JARDINS: UM PREFÁCIO CRAPULAR

*Creio que Fernand Deligny faz um verdadeiro desserviço em nossa vida! Cutucou-me rápida e repetidas vezes, fez germinar em mim ideias de uma antipedagogia que, pudera, já me era demasiado sonhada. E, para infortúnio das boas escolas, não consegui manter essa carga viral Deligny positiva só para mim. Peço às escolas as mais desonestas desculpas por continuar a espalhar o vírus-Deligny adiante, esse vírus inescrupuloso, um vírus crápula que, porventura, acomete totalmente sobre essa obra.*

*Porque José não faz outra coisa: continua a florescer em sua crapulidade. Escola como não lugar de não saberes que prima pela ignorância? Bolsa de professora cheia de inutilidades? Aprazer-se dos odores das crianças?*

*Há algo de necessário nessas páginas que nos convidam a pensar o caderno como a sepultura de algo que se passa na escola, na sala de aula. Algo de deligniano, mas também de nietzscheano. Algo que nos convida a nos desfazer de tantas boas vontades, de tantas boas intenções. Nietzsche bradava, alto e péssimo tom, seu desprazer com as promessas. Prometer é, a seu ver, desfazermo-nos de nossa capacidade de esquecer. E estar na escola implica um bocado de esquecimentos necessários.*

*Necessários a quê?*

*A nos desfazermos de nós mesmos.*

*Porque, no fim das contas, é isso que José e sua antipedagogia propõem aqui.*

*Como fazer ruir a escola e suas infinitas pedagogias do corpo? Como dar ao corpo do educando e do caducando (vulgo professor, professora, professore, professada, poetisa... tudo, menos profeta, por favor!) o dever de fazer na escola tudo menos as aterrorizantes práticas de controle dos corpos?*

*José, quando veio conversar comigo sobre as infâncias, estava enraivecido com a literatura pungente sobre as infâncias.*

*Vemos multiplicar-se uma série de pedagogias dos corpos que enaltecem a criança e a pintam em conceitos belíssimos e magníficos, que, todavia, pouco ou nada se aproximam das crianças de nossas terras tupiniquins. Como falar de criança como um ser de direito a isso e àquilo quando, nas escolas, nos parece nem sequer claro o que é direito dessa criança?*

*De discursos boníssimos e sinuosos das infâncias a pedagogia está farta.*

*Daí que tanto nos apaixonamos por Fernand Deligny, que, apesar do nome tão afrancesado, poderia muito bem ser brasileiro, poderia muito bem trabalhar em qualquer escola de nossas periferias. As crianças que transitam em seus aforismos são pulsantes de travessuras, de enfrentamentos, de catarro, de malícias. E estar na escola, lembram-nos Deligny e nosso*

*querido José, é dar-se conta dessas misturas, e não nutrir para com as alunas, os alunos e us alunas qualquer desgosto além do necessário deboche de sobrevivência.*

*O convite que esse livro nos faz é justamente o de açoitar as boas pedagogias. Um convite a contar os descasos e ocasos que nos arrastam pela escola; a partilhar com os alunos não apenas a realidade que lhes cabe senão os impossíveis que inventam de alcançar; a dissociar de nossas práticas as expectativas de organização e silêncio; a rir do conceito de “clássico”, dando-nos o direito de “classicar” outras tantas coisas...*

*A mim, adoraria que esse livro fosse todo escrito em cartas de baralho. Um aforismo em cada carta. Cada vez que entrássemos na sala de aula, poderíamos fazer como uma leitura de tarô: abriríamos cinco cartas sobre a mesa das quais viraríamos três. Naquele dia, nosso dever seria para com essas três premissas antipedagógicas. De resto, poderíamos ater-nos à boa e velha pedagogia, para não tomarmos puxões de orelha de coordenadoras, diretoras e outros órgãos demasiado institucionalizados.*

*Três antipedagogias por dia e talvez, ao fim de um ano, fôssemos cobrados por nossos alunos a despedagogizar todo o resto. Mas aí o ano estaria findado, e teríamos de começar o processo tudo de novo com outras turmas, com outros movimentos.*

*Isso nos entristece?*

*Nem de longe! Teríamos dado àquelas turmas o gosto de uma antipedagogia capaz de dar aos corpos outras bifurcações, outras virtualidades, outras vivências, outras inexistências...*

*Costumam dizer que basta um empurrãozinho para que alguém destrua todo o processo de escolarização. Quem nos dera! É preciso um árduo e longínquo trabalho nessa direção para desescolarizar as pedagogias maquéticas e transformá-las, quiçá, em pedagogias dos risos, dos abraços, dos olhares, dos tatos, dos corpos...*

*Não é preciso só um empurrãozinho para desfazer as boas pedagogias, mas permitir que cresçam, em meio aos bons jardins pedagógicos, as danadas ervas daninhas!*

*Steferson Zanoni Roseiro<sup>1</sup>*

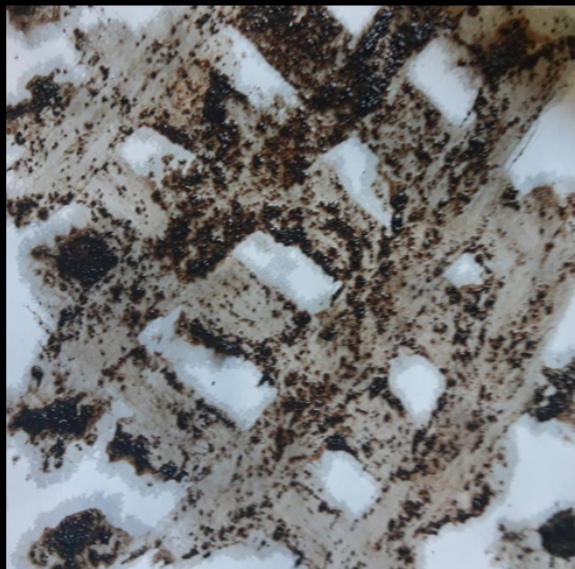
*Fins de abril de 2023*

*Tempo de fabular!*

---

1 Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, mestre e doutor em Educação pelo PPGE-UFES. <http://lattes.cnpq.br/5342221323204014>





## PRÓLOGO

Ouvimos com frequência nos dizerem, após lerem um livro ou assistirem a um filme, “vivi algo indescritível!”. Foi lendo *Semente de crápula: conselhos aos educadores que queiram cultivá-la*, do francês Fernand Deligny (1913-1996), que fui tomado pelo desejo do descritível ou, mais diretamente, do escritível. O que lia movia-se em mim de formas as mais variadas, gestando também em meu interior uma série de formulações, germinações.

O livro de Deligny chegou a mim por indicação de Steferson Zanoni num momento em que eu me perguntava sobre outros sentidos dados à infância e recusava determinadas conjecturas de um modismo que também idealiza a potência da infância. Em mim a semente de crápula brotou e frutificou. Enredando-me por linhas que eu não tinha imaginado, fazendo-me conspirar de modo rápido aquilo que outros gêneros me exigiriam muito mais aprofundamentos, citações, argumentos, metodologias.

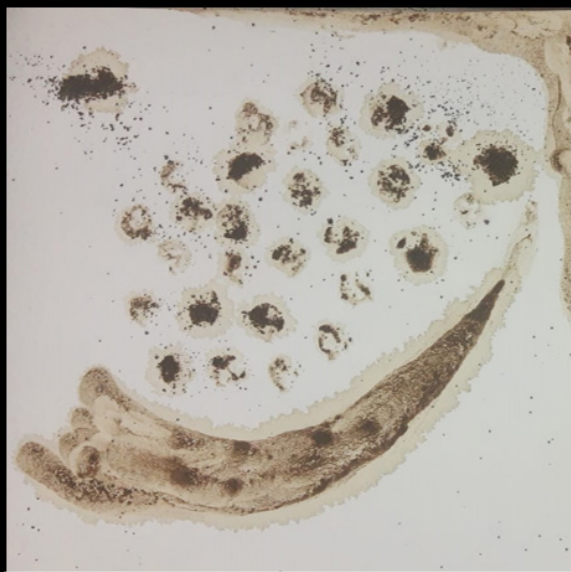
Quase 80 anos separam a obra de Deligny dessa minha reação. Desnecessário dizer que os contextos são muito distintos, mas que o objeto central dos aforismos permanece sendo a escola e aqueles que nela atuam como educadores. Essa instituição zumbi que permanece entre nós, carregando em seu corpo coisas do passado, acolhendo e recusando muito do presente pelos seus frequentadores, reproduzindo idealisticamente no futuro velhos desejos. Essa coisa que prospecta o já vivido e retroprojeta o ainda nunca realizado.

Compartilho com vocês essa nuvem de sentisamentos ou pensentimentos que me assolaram, revolvendo-me por inteiro, tomando-me num imperativo de que era preciso externalizar tanta coisa. Acabei ultrapassando os 134 aforismos de Deligny...

Mas, eis-me nesse texto de uma forma muita minha, afetado, mexido, atravessado por palavras que vieram de longe e (res)suscitaram-me dizer uma palavra que passa já que cheia de vida, mas também de finitude.

Não há verdades a serem reproduzidas. Existe apenas o desejo de abrir um buraco de reflexão, causar um pequeno furo, gerar um oco para que ecoem junto comigo outros pensentires mais enlouquecidos. Como os cacos de azulejo que formam o piso do quintal, num

mosaico disforme, deixo aqui as marcas de alguém que, como dizia Nilton Guimarães Gonçalves, tem por hábito dizer o indizível – embora, às vezes, eu diga apenas o dizível que outros não querem pronunciar. Há muita borra nesse café da escola e com ela ainda podemos arriscar novos desenhos.



**E**nquanto estudo ou leio, balanço freneticamente minhas pernas. Alguns dizem que é ansiedade. Eu sinto que é meu corpo pensante. **I**

**S**ão tantos órgãos e numa tal complexidade que o melhor seria afirmar que somos corpos. O singular não corresponde ao que habitamos. **II**

**E**les, por vezes, se interessam por tudo, menos pelo que gostaríamos. Talvez, seja o momento de nus interessarmos por eles. **III**

**T**odos os dias é necessário esquentar a água e passar o café. Coar o café! E aprender que o vapor nos escapa. Escapa-nos também o cheiro. Impossível se faz reter o irretível! Melhor segui-lo. **IV**

Quando escrever, brinque com as palavras. Elas podem ser violadas, borradas, cortadas. Gaste hífen para que as palavras nos gestem asas. *V*

Estamos, pois, diante de algo cheio. Mas cheio de vazios porque quanto mais vazio, mais cheio de possibilidades. Não é vazio a ser preenchido. É vazio para nos es-vazi-ar-mos... *VI*

Sobram sombras onde se deseja, excessivamente, colocar luzes. Compensa parar um pouco e descansar nas sombras. A-tentemos para as sombras que nos são roubadas. *VII*

Inventaram que escola é um lugar de saber. Quiçá se torne um não-lugar de não-saberes para que o ignorar se torne um imperativo escolar. *VIII*

**E**les e elas afirmam que não falarão de Deus. Porém, continuarão a crer nos seus deuses e ex-porão profanamente suas sacralidades a cada frase. Escute-os atentamente. Confesse suas vanidades e professe sua anthropofides. **IX**

**S**em temer os percalços, assuma que não há caminhos feitos. Há sempre trilhas por se desfazer e desbaste uma nova picada com cada um. **X**

**T**enha uma bolsa. Coloque nela coisas inúteis: um chifre de unicórnio, uma escama de sereia, uma gota de vômito de dragão, um pouco de chulé de saci. Constatará, num belo dia, que essa bolsa é essencial para cada aula. **XI**

**D**ê muitas dobras sobre si, sobre os outros, sobre os conteúdos, crie uma corcunda que demonstre o quanto você é flexível. **XII**



**S**aia sempre disponível a des-fazer-se.  
Depois do esgotamento, uma boa noite de sono  
refará as forças. Será sua recarga de um sombrio  
otimismo trágico. **XIII**

**D**emonstre interesse pelas perguntas  
que eles fazem e que atrapalham suas aulas tão  
generosa e perfeccionisticamente organizadas. E  
quando apresentarem afirmativas muito seguras,  
imploda-as com suas perguntas. **XIV**

**E**xponha os estudantes às estrelas.  
Leve-os para olhar os céus, ainda que o dia esteja  
nublado. Reconecte-se com a bússola anterior  
que antecipa sonhos. Usufraua desse tempo.  
Deleite-se! **XV**

**C**rie regras, explique seus fundamentos  
minuciosamente. Ao final, não se perturbe,  
sempre descobrirão um jeito de burlar até  
aquelas tidas como mais sagradas. **XVI**

**A**s vezes, é preciso rir até gargalhar.  
Às vezes, é preciso ir até não sei onde chegar.  
Às vezes, é preciso chorar até se esvaír...  
Para de novo rir e ir sem grandes certezas  
a nos dirigir. **XVII**

**A**presente-os aos livros. Não se  
incomode caso os carreguem de um lado para o  
outro sem os ler. Acredite: uma boa capa ou uma  
lombada com título estiloso, levadas sob as axilas  
ou entre mãos curiosas, podem ser melhores que  
milhares de palavras. **XVIII**

**I**ncentive a vivência dos afetos. Assuma  
essa quase ideologia escolar. E, quando eles  
lhe derem um bom soco no estômago, não  
se esqueça de que também faz parte dos  
afetos. Deixe-se afetar até ficar com algum  
hematoma. **XIX**

**V**ocê deseja domesticá-los, adestrá-los, mas incorre no erro de que também em casa, os de sangue, já tentaram, em vão, tal processo. Eles são selvagens! Por isso mesmo, os enviam aos bandos para as carteiras escolares. Deixe que a fúria deles te excite! **XX**

**U**se lápis e borracha. Muita borracha, pois há mais para se apagar que para copiar. Haja seringais... **XXI**

**P**onha outros objetos nas mãos pequeninas e deixe brotar escritas que sejam ervas daninhas. **XXII**

**S**e as palavras são tão essenciais, arrisquemos inventar uma por dia. E, ao final de um ciclo, teremos novos dicionários, pois há muitas palavras por serem ditas. **XXIII**

**T**obefaal: mau çãonabicom datamili, sam euq temiper carbisra o domun. E euq rop dotu met euq res presem os momes tojei? **VIXX**

**E**a garotinha se lambuzava prazerosamente com as batatas fritas embebidas no sorvete — Não me perguntem como esse sorvete adentrou à tão fiscalizada escola. Um convite a que eu faça outras tantas misturas inusitadas. **XXV**

**A**lgumas frases sussurradas ao pé do ouvido saem mais violentas e destrutivas que as explosões atômicas. **XXVI**

**E**duca-se para o trabalho. Nada de ilegítimo há nisso. No entanto, o trabalho sempre quer algo que ainda não foi estudado. **XXVII**

**U**se lentes diferentes. Aprenda com eles que o olhar se metamorfoseia. Para um pequenino pernilongo existe uma lagartixasaura. **XXVIII**



**I**nvista sem misérias naquilo que sentir ser o mais humano seu e deles. E lembre-se, sem temores, que o fio tênue da desumanidade ali também se encontra. **XXIX**

**E**stimule a curiosidade, mesmo aquela sobre a vida alheia. Certamente, alguns dos premiados do Pulitzer nos contariam que na escola eram grandes bisbilhoteiros. **XXX**

**P**repare tudo, planeje até o último detalhe, organize-se escrupulosamente. Ponha os pés na sala e deixe-se contagiar pelo caos educativo. **XXXI**

Cada uma delas tem seu odor característico, advindo, às vezes, daquele banho nem tão bem tomado, da roupa mal lavada ou secada, do tênis usado ininterruptamente, dos gazes que as habitam e inflam até os cérebros, dos palitos preguiçosos, dos cabelos oleosos. Quase ao final do ano você será capaz de identificar cada criança por seu perfume original. E passando pela sala, perto da carteira do menino que faltou, sua memória afetiva lhe presenteará com um idiossincrático olor. Ele já habitará você. **XXXII**

Você pode agrupá-los, separá-los, estratégica e maquiavelicamente, fazer mapas de salas... mas eles descobrirão linhas de fuga, outras cartografias rizomaticas... Formarão novos grupos, guetos, pactos. Apesar disso, você crerá tê-los sob controle. Ria de si mesmo! **XXXIII**

Eles sempre nos observam, reparam. Alguns dias nos acompanham pelas frestas, pelos orifícios. Eles nos esquadrinham, nos treliçam. **XXXIV**

**A**s partes... Sempre esses pseudo segredos sobre os quais recusamos falar... Eles tocarão nas partes íntimas, viverão a montanha russa de sentir um corpo quente, úmido, viscoso. Depois, pegarão no lápis e continuarão a tarefa. Eles são melhores que nós no controle do olhar. **XXXV**

**Q**uando pedirem para ir ao banheiro, alegando enjoo e ânsia de vômito, pergunte-se se o que está ensinando é tão indigesto, indeglutível, insosso ou mofado. Depois dessa milésima fração de segundos, pergunte o que esse educando comeu no café da manhã. **XXXVI**

**S**ão pobres. Alguns mais pobres do que você possa imaginar. Dentre os pobres dos pobres, um escolherá você como única riqueza que poderá usufruir nesse barranco da existência. Faça-o teu herdeiro. **XXXVII**



**T**odos os dias, até mais de uma vez, olhe-se no espelho e apontando com o indicador diga: “Você não é normal!”. E lembre-se disso quando uma delas fizer algo que escapa ao domínio dos ditos civilizados. **XXXVIII**

**E**xistem sofrimentos tão profundos que chegam a se tornar invisíveis também para quem deles padece. Enxergar essas feridas purulentas sob a aparente casca ou cicatriz é uma operação genial que pede-nos sensibilidade, mas quase sempre se dá no acaso. Que nunca aconteça só no acaso. **XXXIX**

**V**ocê verá que alguns estudantes se parecem com pássaros a comer as migalhas espalhadas pelo chão. Percebendo a existência de tais sujeitos alados, bípedes assentados em nossas salas, apenas seja pão. **XL**

**U**ns têm muita fome, outros têm mais sede. Todos sempre insaciáveis! Mas você não é inesgotável! Nem terá nunca o que realmente eles desejam. **XL I**

**C**rie parcerias, amarre seus cadarços com o de um bom colega. Caso tropecem e caíam, riam juntos. Escola é lugar de quedas! **XL II**

**Q**uando for ensinar verbos, impulsione conjugações inexistentes. Ar, er, ir caem tão bem em algumas palavras que amaria ver sorvetear, estojar, celularrear, mochilear, relogiar, teniser, bonezar, telhir, onibusir, hamburgueirar, ferragir, madeirar... **XL III**

**N**unca julgue uma sala de aula desde a porta. Faça-o desde a borda! O caos pode ser organizado. E a organização pode ser caótica. **XL IV**

**O**s medos vêm de fora e de dentro,  
tantos os seus quantos os deles. É nossa  
selvagem humanidade a precaver-se. Cultive  
medos de coisas grandiosas e auxilie a vencer  
os medos ridículos. E avise: “Tenham medo de  
gente sã!” **XLV**

**T**ransforme os cantos, as músicas,  
numa indisciplina vocal. Que os corais de voz  
roucas, ruidosas, desafinem as engrenagens  
da escola e impulsionem danças de corpos  
sonolentos. **XLVI**

**N**ão precisa ter vergonha de nada.  
Nessa vida de escola é inerente assumir o nariz  
de palhaço. Vem, invisivelmente, junto com o  
diploma! **XLVII**

**M**antenha um relógio em sala. Pode até deixá-lo sem pilha. Ao mirá-lo, a simples constatação: o tempo passará, passou, passa. E o faz segundo por segundo. E vocês ali a passarinhar. **XLVIII**

**N**ão duvide de que algo pode acontecer. Não pense que sua imaginação é por demais fértil. Em escola não existe o nunca. Inacreditavelmente surpreendentes, eles fazem coisas que os físicos duvidariam. **XLIX**

**P**are com a mania de achar que tudo tem uma razão, uma explicação. Há coisas inexplicáveis, totalmente desprovidas de sentido e, maravilhosamente, desconcertantes. Nossa racionalidade é muito limitada, imbecil! A vida é mais divertida. **L**

Já disseram para você: “Respire! Respire fundo”, “Aja diferente!” Então, cuspa! Cuspa fogo! Devore! Canibalize! E, ao despir-se das formalidades, venha esse eu des-conhecido saído do âmago. *LI*

Não se irrite com as sementes. Nem almeje apenas sementes boas. Aposte nas sementes vãs. E não creia por demais na fecundidade da terra. Há desertos insólitos e sem sóis. *LII*

Surrupiar livros deveria ser um hábito premiado. Não há motivos para punir quem é apaixonado por palavras ou é apalavraxonado. Mostre livros que despertem o desejo de contrariar o sétimo mandamento. *LIII*

**F**aça cócegas, reais e imaginárias,  
desabroche o riso que contagia e des-ordena  
outros modos de ver o mundo. Cocegue o  
mundo também e não sossegue o existir. Dizem  
que evita plásticas. **LIV**

**I**ncentive o estudo tendo em vista  
o mundo do trabalho! Recorde-se de umas  
10 profissões extintas; liste umas 100 atuais;  
imagine umas mil a serem criadas no futuro. Há  
chance de 0,1% de acerto sobre o que virá! Mas  
prepare-os para o trabalho! **LV**

**O**s médicos têm diplomas que os  
habilitam a laudar. Temos uma experiência  
ímpar que nos habilita a tudo questionar.  
Inclusive, os laudos! E sugerir sentar na frente,  
ser acompanhado por estagiário, ter mais  
tempo para fazer provas, parece-me escapar aos  
conteúdos do curso de medicina. **LVI**

O número total da amostra sempre interfere na análise de dados! Essa regra das pesquisas quantitativas, talvez, nos valha quando pais e mães de primeira viagem questionam nossas “caduquices” pedagógicas. *LVII*

Plante jardins, ao menos, tenha um vaso de plantas por perto, naquele cantinho da sala. Ele servirá para tudo, até mesmo para prencunciar que vida é passageira e a morte nos espreita. *LVIII*





**N**ão invente de fazer horta escolar!

Leve os estudantes para ver a realidade dos trabalhadores do campo e provoque-os a sentir o sabor amargo por detrás do doce de alguns produtos que consumimos. **LIX**

**E**scolas têm muitas portas. Algumas se prestam apenas a impedir acessos. Deixe as janelas reganhadas e que por elas passe um vento capaz de fazer bater portas, incomodar, renovar o pestilento ar que nos vicia em alguns espaços. **LX**

**T**eremos sempre os reclamões, os otimistas, os ingênuos, os malandros, os engraçados, os debochados, os enrolões. Teremos sempre um pouco de nós naquele conjunto que repugnamos. **LXI**

**E**scola é um espaço de barulhos. Estranhe os silêncios prolongados, pois não são condizentes com esses usuários capazes de gritos estridentes, gargalhadas loucas, sons inimagináveis e, por natureza, arrastadores de carteiras. *LXII*

**P**eça silêncio! Sim. Ele não foi ainda expulso desse espaço. Peça-o, tão somente, quando o que irá dizer seja algo essencial. Fora disso, aprenda a concorrer com outras essencialidades mais divertidas. *LXIII*

**N**ão tenha medo de levar serpentes para a sala de aula. Recorde-se que esses répteis estão intimamente ligados com a árvore da vida e da sabedoria. Tenha mais receio das pombas. Elas voam e nos borram muito facilmente. *LXIV*

**N**ão se tem um general na sala de aula, tampouco um pequeno príncipe ou princesa.

Tem-se ali um aglomerado da plebe a pedir que, para além do pão e circo, possam trilhar algum caminho. Mesmo que não saibam onde desembocará e com que ferramentas será construído. **LXV**

**O** que existe no entorno da escola? Nada! Afinal, a escola é o entorno do mundo moderno. **LXVI**

**U**m dia, despretensiosamente, solicite que criem máquinas que ainda não existem. Estranharão, certamente, mas insista, até que criem máquinas de guerra. **LXVII**

**U**ma ou outra vez, quase sempre, procure estar com eles sem ficar observando-os, concluindo sobre eles. Esteja apenas na sua inteireza junto daqueles que buscam criar mais vazios. Saboreie esse estar com. Não se preocupe em nada disso servir a outro fim se não o de estar com. E, se um daqueles já viciados acerca dos nossos papéis escolares indagar, responda: “Tenho esses olhos grandes para te enxergar melhor!” E o abrace... **LXVIII**

**G**ere nos educandos a certeza de que você sempre estará com eles, independente do que venha acontecer, até mesmo quando você ou eles não mais estiverem na escola. E cumpra a promessa! **LXIX**

**T**odos mentimos. Em sala de aula isso se eleva exponencialmente. Mas minta também conscientemente. Crie a mentira do dia e a deixe se espalhar. Assuma depois a alcunha de “o mais mentiroso da escola” e será um justo atributo. **LXX**

**E**les baterão uns nos outros, falarão as palavras impronunciáveis, mexerão no que não lhes pertence, farão o contrário de suas recomendações. E, em questão de segundos, também se mostrarão os melhores companheiros. **LXXI**

**E**nsine que a única coisa que jamais devemos vender é nossa consciência. Aliás, ensine que a compramos a módicas prestações e jamais a pagaremos por completo. Consciência é esse atributo volúvel... **LXXII**

**S**omente quando expostos a situações radicais revelamos quem realmente somos. Diante de uma grande injustiça... num momento de extrema tristeza... frente ao sofrimento alheio... em uma tragédia... No resto fomos todos bons atores vivendo os ridículos papéis. Se não expôs seus pupilos a situações radicais, não ouse questionar a humanidade vívida e fugidia que neles reside. **LXXIII**

**T**odos somos ladrões e ladras. Não existe quem nunca tenha roubado sequer o tempo ou a paciência alheia. Todavia, quando essas crianças se aventuram em pequenos delitos, apetece-nos instaurar um tribunal e declarar uma sentença por toda a vida. Quando começaremos a cumprir as nossas penas por afanar do outro o direito de errar? **LXXIV**

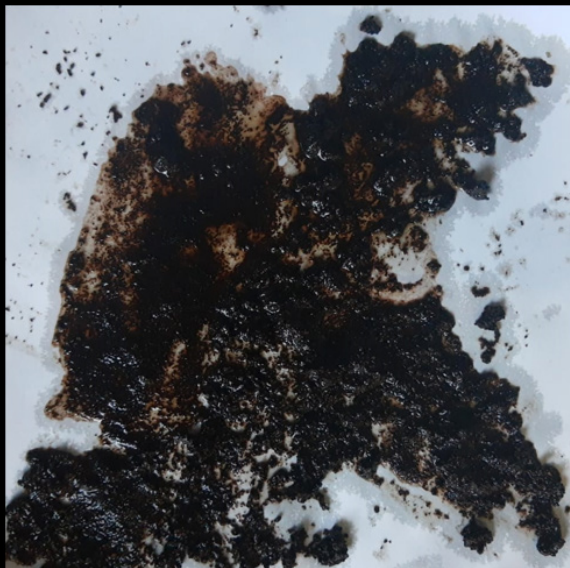
**C**rie girinos em sala, acompanhe-os na transformação para sapos. Aprenda a coachar com eles e descubra que mesmo águas paradas têm vida. **LXXV**

**C**rie também cavalos em sala de aula. Daqueles que não aceitam rédeas, que dão coices quando violentados, que não se sujeitam a ser menos do que são, pois são puro sangue, cavalos alados. Acho que isso é preferível que criar burros... **LXXVI**

**P**endure na parede o nome de cada um deles com um sonho, seja diário, semanal, anual, indefinido. Botando os pés na sala reveja como o que você preparou ainda impulsionará os sonhadores a atingir as estrelas que almejam. *LXXVII*

**F**aça a “chamada” diariamente de forma diferente.

Aquela aluna de ontem é outra hoje e amanhã já não mais será a mesma. Por que chamá-la sempre da mesma forma, com a mesma entonação? *LXXVIII*





Sinta verdadeiro desespero daqueles estudantes impassíveis, cujo rosto diante do mais assustador permanece o mesmo, tão solícitos e amáveis mesmo quando agredidos. Esse tipo silencioso, tão angelical, é bem mais ameaçador que aqueles que correm, gritam, xingam e cujos chifres até os vizinhos enxergam. **LXXXIX**

Fale sempre da polissemia das palavras. Poesie sobre. Ajude-os a descobrir que palavra se presta a tudo. E que quando reagimos à fala do outro com um solene “interessante!” estamos dizendo que não queremos continuar a conversa. Quando falamos “legal”, talvez internamente, estejamos ridicularizando o visto ou ouvido. Quando dizemos “bonito” pode apenas significar “que horrível!” **LXXX**

**E**scola precisa ensinar a saborear as coisas. É um espaço dietético. Comer uma caixa inteira de bombons é algo inenarrável. Mas chegam dias que a gente queria ter apenas a quinta parte de um bombom e não a tem. Mas convenhamos, antes reclamar a falta que perder o gozo da fartura. Ensine-os a lambuzar-se cotidianamente. **LXXXI**

**A** ternura e compreensão que alguns pais e responsáveis, às vezes me pedem, são mais como uma conivência que de mim esperam diante dos pequenos ou grandes tropeços dos filhos. Seja terno e compreensivo, mas não mau caráter a ponto de submeter-se às frustrações hereditárias... **LXXXII**

**Q**uando vou regar meu jardim não me preocupo muito em evitar que a água caia sobre pedras ou espaços não cultivados. Mesmo do concreto podem brotar algumas flores e qual não será minha surpresa! Jogue água em abundância em sua turma. **LXXXIII**

**C**omo quem adentra numa densa floresta, crie estratégias para vincular-se com aqueles que habitam um emaranhado de possibilidades. Vasculhe, não por mera curiosidade – mas também por ela –, aqueles espaços recônditos. E, sinta-se perdido. Sentindo-se assim, encontre-se com eles. **LXXXIV**

**N**uma belíssima terça você perceberá que um deles está com piolhos. Mais que uma família, existe naquela cabeça uma metrópiolha. Isso se repetirá muitas vezes ao longo dos anos. Um convite ao exercício matemático? Quem sabe um convite à abertura de uma escola para piolhos! **LXXXV**

**F**ale do que lhe dá prazer. Conte das coisas agradáveis que têm feito o seu ser, colando os cacos semanais com semanais gozos. E, ainda que tenha apenas sido uma xícara de café forte, que eles saibam que a todos é facultado o desejo de se refazer. **LXXXVI**

**C**rianças correm e caem, todavia, alguns choros são muito mais pela vergonha que pela dor. Ensinar a rir de nossas quedas é convite a nos tornarmos todos pernetas assumidos e destemidos. Levante e sacuda a poeira! Limpe a bunda, pois na escola todos esborracham, esbarram e caem. **LXXXVII**

**E** aos olhos sagazes das crianças não escapará nenhum pequeno defeito. E descobriremos logo que somos todos defeituosos. Um olho maior que o outro, uma perna torta, uma orelha desproporcional, um braço mais curto, um nariz achatado, uma testa grande demais, um pé chato, um tornozelo protuberante, um joanete a gritar: “Quem se acha perfeito aponte o primeiro dedo! Que mostro a unha encravada, a micose ou a paroníquia!” **LXXXVIII**

**F**ortalecer os fracos!!! Quem dera tivéssemos um elixir pedagógico que fizesse o inseguro avançar, o frágil rir das críticas, o medroso arriscar. Mas nenhuma fortalexina pode suprir aqueles vácuos deixados pela história de cada um. Só com o tempo e, talvez, mesmo com ele, aos 40 ou 50, nos veremos ainda temerosos diante de uma pequena crítica ou comentário. Não há remédio a não ser estarmos/sabermos juntos. **LXXXIX**

**N**ão se iluda. Mesmo que você estivesse na Finlândia, Coreia do Sul, Japão, Suíça, ali também estaria a temível resistência pedagógica, meninos indisciplinados, pais amedrontados e você a lidar com a tarefa da incompletude. **XC**

**C**adernos escolares são sepulturas destinadas ao desaparecimento. Neles fica o que já sabemos ou deveríamos ter aprendido. Por um lapso de memória talvez volte-se a alguma folha e se reveja uma anotação. Aos poucos tudo, como nós, se decomporá. **XCI**

**N**em todas as pessoas são educáveis.  
Isso me enche de esperança. Oxalá, elas não  
sejam levadas à escola e se salvem desse castigo  
moderno. *XCII*

**E** farão mil avaliações e continuaremos  
sem entender o que elas nos apresentam. Daí  
buscaremos avaliações externas. E elas nos dirão  
o óbvio ululante escondido em textos magistrais.  
E continuaremos sem aprender que as avaliações  
de nada servem se não servirem para mudar  
nossos modos de ensinar-aprender com aqueles  
que continuam a ter baixos resultados. *XCIII*

**D**uvido sempre dos casos de sucesso, das  
experiências maravilhosas.  
Duvido que o suor não tenha tornado fétida  
a mera repetição. Prefira os assumidos casos de  
fracasso. Há mais sinceridade neles. *XCIV*

**E**nsine de tudo. Faça das aulas uma miscelânea. E que desse banquete cada qual se sirva como melhor lhe convier. Penso que desta forma será menos cavalo de troia essa coisa que nomeamos como presente destinado aos alunos. *XCIV*

**U**m dia, um pesquisador – e ganhará o prêmio Nobel por tal feito – descobrirá que o diabo foi quem inventou a letra cursiva. Tanto que dela se serve até mesmo para confundir os medicamentos. Coisa do capeta essas letras com rabo que se unem, se deformam e se pedem pequenos chifres. Então, ensinemos às crianças os pequenos exorcismos da cacografia. *XCVI*

**O**s banheiros da escola não se prestam apenas à excreção. São santuários onde se cultuam ciências ocultas. E se neles não estiver visível alguma escrita cu-neiforme falocêntrica é sinal de que viraram alvo de vigilância acirrada. Incentivamos o verdadeiro uso dos banheiros em um ambiente como escola: insubmissão! *XCVII*

**E**m cada gota de conhecimento transluz a certeza de que esse mar é infinito. Resta-nos somente penetrar naquela gota e permitir que tudo o que sabemos se evapore. E do pouco evaporado buscaremos um hálito que sacia. Um tanto disso é o ser da escola. **XCVIII**

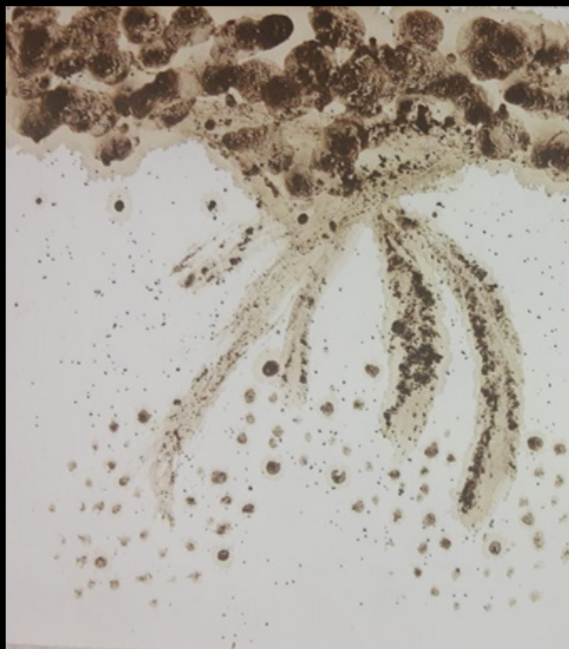
**H**á muito medo do obscurantismo. Vão temor! Afinal costuma ser na escuridão que se gestam os grandes conhecimentos entre afagos, abafos, abraços, transpirações e secreções. No escuro há vida a florescer. Ousemos deixar tudo nas trevas! **XCIX**

**A**lguns são caricatos, outros carigatos, tem também os caripatos e os carrapatos. Pequenos adultos num corpúsculo! Têm até personalidade idosa. Outros bebês gigantes. E, talvez, nos olhem como gigantes e pensem termos tetas inesgotáveis. **C**



Há um lampejo que crepita naqueles olhos pedindo que eu me dê totalmente e mais do que sou e possuo. É necessário que eu me abstraia desse desejo para não me esvair por completo. Tem coisas de mim que não dou... *CI*

Forre uma caixa de sapatos, ornamente-a como verdadeiro tesouro. Deixe-a num canto qualquer e se prepare para o “O que é isso?”. E será apenas isso a sua função... *CII*



**E**les ficarão suados. Nós extenuados!  
Existe uma diferença não só de idades,  
mas de ânimos e hormônios.  
Bom será respeitar-nos em cada tempo. *CIII*

**E**ntregue para as crianças um lápis e um  
papel. Início da criação.  
Jamais saberemos o que farão. Até mesmo  
uma guerra pode ser deflagrada. Prepare sua  
artilharia. *CIV*

**É** bem provável que os primeiros  
protótipos de aeronaves tenham saído de folhas  
de provas bem dobradas.  
A melhor prova de que as provas têm  
alguma utilidade escolar! *CV*

**E**stimule bons hábitos. Incentive os alunos a rabiscar aleatoriamente, a olhar para o nada e tudo ver, a parar no tempo e sentir-se inteiro, a cheirar o mundo e espirrar alergicamente, a lamber a testa e rasgar os rótulos, a sonhar com a barriga e escorregar com os ouvidos. Que os corpos não sejam mais os mesmos. *CVI*

**T**udo pode virar bola. Deve ser nosso vínculo com o eixo da ovalada terra. Então, dê munição de sobra para que de bola em bola, inclusive zeros e seis e oitos e noves, tudo nos faça mover. *CVII*

**P**ratique o nadismo. Pratique o dadismo. Pratique o risismo. Pratique o bruxismo. Pratique o peidismo. Pratique o pratuquismo e não se esqueça de que é tudo teorismo podendo na escola se tornar terrorismo. *CVIII*

**A**frouxe as cobranças e veja como eles se resolvem. Aperte os cintos e sinta como eles se sufocam e te sufocam e suportam. Embora, tenros, eles já sabem muito bem jogar esse jogo. **CIX**

**T**enha sempre mais uma sala para usar. E, caso não a tenha, negocie com o vizinho para, de vez em quando, o espaço emprestar. Nada de mais gostoso que perambular pelos corredores, nem que seja para sair de uma sala para a outra que está imediatamente à frente. De pequenas aventuras vivem nossas travessuras e basta um segundo no corredor para algo novo se criar. **CX**

**C**onte para sua turma a pior coisa que você fez quando era estudante. Não tenha vergonha de se expor. Não se decepcione, talvez, eles não consigam superar você. **CXI**

**E**xplore o regionalismo na sua sala. Quem sabe consiga criar a língua dessa turma e, para surpresa de muitos no recreio, tornarem-se confidentes e agentes secretos. *CXII*

**O** corpo, essa casa que carregamos quais caranguejos eremitas, é muito frágil diante de tudo que nos descortina de possibilidades. Esse corpo pensante, sensante, que, outrora e hoje de modos mais primorosos, desejamos na escola paralisar, formatar, determinar, é indomável. *CXIII*

**T**enho uma preguiça do tamanho do universo. Quero, em alguns momentos, apenas esperar que tudo passe e eu não precise mover um milímetro de força. Não julgo os preguiçosos, uno-me a eles para revolucionar o mundo desde nossas camas e seus adormecimentos. “Letárgicos da terra: unamo-nos!” *CXIV*

Não permita que o lúgubre desejo de por fim a tudo impeça você de saborear as pequenas delícias saídas das bocas daqueles que também sabem dizer os piores nomes. *CXV*

Cultura... uma cintura que nos impuseram como se parte fizesse de nosso corpo. Engorde-se e a seus alunos a ponto de estourar todos os fecheclares, botões, cintos, fivelas, espartilhos. Cultura existe para ser dilatada, afinal já foi muito dilapidada. *CXVI*

Quando contar histórias assuma o artista que você é e provoque os atores e atrizes que estão ali precisando de um beijo para acordarem. Cuidado com as maçãs! Da Bíblia à Branca de Neve, elas são perigosíssimas... *CXVII*

Não é por desmazelo ou relapso ou irresponsabilidade... alguns só têm a si e se cuidam da forma como podem. Nos documentos dessas crianças figuram nomes e sobrenomes de gente que, muitas vezes, também não conheceu o ser cuidado. *CXVIII*

Essa coisa de muita limpeza faz parte de nossa adesão cultural. Convenções às quais nos submetemos, mas que nos instantes privados nos permitimos meter a colher que usávamos no restante da sobremesa, coçar nossas intimidades, enfiar o dedo no nariz... Não só nele... E, às vezes, no dos outros... *CXIX*

O que realmente eu tenho é o conhecimento que sei manusear, multiplicar, partilhar e aquele estudante que ali se me dá como expectativa. Fora desse quadro não consigo mexer um milímetro. Então, não adianta culpabilizar os pais, responsáveis, políticos... *CXX*



O desmonte não é de hoje. A educação pública foi gestada para ser desmontada. Arrume botas, luvas, capacetes. Você estará sempre lidando com escombros. *CXXI*

A violência vai nos acompanhar. Enquanto optarmos por negar direitos sofreremos o ricocheteamento. Entreguem o mandado de prisão ao Estado e à sociedade, menos àquela pequena me(lia)nte. *CXXII*

Quando eles dormirem durante suas aulas veja se o que está ensinando é extraordinário. Caso contrário, ajude a acomodar o corpo e evitar toxicos. A oniromancia pode ser um grande aprendizado. *CXXIII*

**O** que há de mais importante que aquela vida à nossa frente? Debrucemo-nos sobre ela. Mesmo que isso nos deixe frouxos ao final do dia. *CXXIV*

**U**m dia ela chegou com um hematoma no rosto. “Escorreguei do skate!” Depois foi um braço quebrado. “Outra queda do skate!” Desconfiado, fui olhar o sobrenome dos responsáveis. Seria o apelido de alguém? *CXXV*

**U**ma lâmina de apontador, uma gilete, um estilete, uma faca, um lápis, um cabo de pincel, uma lancheira, uma carteira, uma voz. Tudo pode ser transformado em uma arma. Até mesmo um maldito sorriso. *CXXVI*



**N**a escola não perdemos tempo, mas, quando o perdemos, lavoisieramente, resgatamos o sentido mais verdadeiro da *scholé*. **CXXVII**

**S**e as paredes estiverem sempre limpas, estranhe! Quero as pichações, as rasuras, os grafites, os rabiscos, a sujeira que sugere que eles sabem que aquele lugar lhes pertence. Afinal, não se trata de um hospital e sujidade e sugestão passam pelas mesmas pregas (vocais). **CXXVIII**

**R**esmungue sempre e arranhe os azulejos. Mas tenha também a alegria de envolver-se naquilo que te faça bem. Cole alguns pedaços, os cacos diários, com a resiliência. **CXXIX**

**I**dentificamos nos recém chegados uma série de transtornos. Identificamos? Ou, seria melhor, identificamo-nos?! **CXXX**

**E**ncaminhe as demandas que perceber  
não poder sanar. Para isso existirão outros  
órgãos, instituições. Aguarde. Aguarde. Aguarde.  
Aguarde mais um pouco. Elas voltarão todas para  
você. Um ciclo eterno foi iniciado... *CXXXI*

**V**igotski já nos alertou, mas teimamos  
em pensar o processo educacional de forma  
hiperindividual. *CXXXII*

**P**uxe os fiapos soltos. Talvez, num deles  
esteja o fio da meada que ajudará a desenrolar o  
novo. Caso contrário, amarre as pontas e  
reinicie o novo. *CXXXIII*

**C**arregue uma picareta, uma furadeira,  
um cinzel, um formão. Crie buracos, aprofunde  
brechas, estoure paredes, demula muros, gere  
ruínas. Talvez, seja possível reconstruções.  
Destrua a sua escola. *CXXXIV*

**A**s reuniões de profissionais se prestarão a tudo. Até não prestarem para nada. Cave nelas um espaço livre de ser indolentemente docente. *CXXXV*

**E**les justificarão que não têm tempo para as tarefas que você pede. Concorde com eles e explique aos pais. Não há tempo para burras repetições. *CXXXVI*

**F**oucault falou de corpos dóceis. Mas que não caia no esquecimento de que também falou sobre resistência e contraconduta. Cada um lê o que mais lhe interessa. *CXXXVII*

**F**otografe o dia com suas belezas e mazelas. Desse álbum você perceberá que nada, nem o maravilhoso nem o desesperador, foi tão duradouro quanto parecia ou se desejava. *CXXXVIII*

**E**nquanto não demonstrarmos radicalmente nossa indignação diante do fato de encarcerar semelhantes, escravizar outros, encarregar alguns de limpar nossos dejetos, a escola continuará a se prestar a ser miniatura da prisão, lugar de exploração e produção/recolhimento de lixo. *CXXXIX*

**A** nova velha conversa é de que devemos nos preocupar com a segurança. Seria melhor, para atender essa preocupação, começarmos por demolir os muros, recolher as grades e retirar as trancas. *CXL*

**O** crescimento na idade não assegura uma melhora no caráter. Não existe nenhuma associação entre faixa-etária e bom caráter. Há canalhas de todas as idades e na escola isso fica muito visível e risível. *CXLI*

Não entendo o porquê tudo deve ser enquadrado pelos limites de bom ou mau, gostei ou não gostei. Há tanta coisa que nos faz bem que nem sempre é gostosa. As coisas apenas são... Nós que depositamos nela os seus sentidos. *CXLII*

Adestre o olhar para nunca se submeter a viseiras; deixe-o enamorar da curiosidade prazenteira. E abençoe os frutos dessa união sagaz. *CXLIII*

Toda sala tem seus monstros, seus anômalos. E geralmente não são aqueles bagunceiros, tidos como os piores alunos. Aprenda a decodificar aqueles-dos-quais-não-falamos. *CXLIV*

Gostamos de fazer decantação. Seleccionamos os piores e levamos para outro lugar. Depois novamente queremos tirar os novos piores. Por fim, sobram aqueles, que se comparados aos piores, recebem nossos louros. Mas ainda assim acharíamos algo que justificasse a retirada deles de nossa sala. *CXLV*



**I**rão reclamar de nossos gritos, de nossas correções, de nossas sugestões. Impossível satisfazer a todos. Faça o possível e nem ouse desejar fazer o impossível. Mas, poupe suas cordas vocais. *CXLVI*

**N**ão crie expectativas acerca dos alunos. Baseando-nos no real sabemos que numa sala há de tudo: medíocres, habilidosos, morrinheiros, chatos. Rejubile-se com os pequenos avanços de cada um. 0,5 ponto para determinado aluno representa um 10 se considerarmos como o recebemos. Uma palavra inteira é a coroação vitoriosa de quem apenas escrevia uma vogal. Ler em voz alta uma frase pode ser o máximo para quem não lia aquela sílaba. Eles ainda terão muito tempo. *CXLVII*

**E**labore labirintos e solte seus educandos. Deixe-os rastrear a área e até rastejar sobre ela. Avise dos riscos e fale do poder de um linha. A vida é minotauramente labiríntica. E há um fio que pode nos guiar ou esguiar. *CXLVIII*

**T**oda escola deveria ter algo de Babel.  
Uma confusão que jamais permita que somente  
uma língua a todos domine. E que nunca a língua  
escolar também se imponha. Que as línguas  
subalternas continuem a fazer barulhos. *CXLIX*

**P**eixe morto fede! Folha velha se amarela  
e sabe a mofo! Quando abro o livro didático  
experimento essas coisas. E olhe que a capa é nova  
e vale por apenas um quadriênio. E de lambuja me  
traz a letra do mesmo Hino Nacional. *CL*

**E**ncostam em nossos corpos. Talvez até  
desejem absorver algo de nós.  
Que nada! Querem mesmo é nos deixar  
com inveja desse calorzinho inquieto que não  
volta mais. *CLI*

Sinta como se uma espada afiada mirasse a sua espinha. Respire profundamente. É tão somente um medo bobo a visitar sua pequena razão perfeccionista. *CLII*

Papel após papel, risco em cima de risco, rasura sobre o apagado, vozes escapando no vento. Escola se faz disso: do impagavelmente apagável. *CLIII*

Eles furam, fincam, ferem. Nem por isso são assassinos inveterados em corpos infantis. São humanos. *CLIV*

Reconheço que devemos nos preocupar com os casos de *cutting* cada vez mais comuns. Mas alguém está preocupado com os cortes mais profundos que uma escola produz? Esses costumam ser invisíveis, mas são indeléveis. *CLV*

São louváveis as campanhas contra *bullying*. Contemplo-as como flechas disparadas contra nós mesmos e, quase sempre, errando o alvo. *CLVI*

A violência escolar, na sua multiplicidade, não se sana sem se tornar saudável esse mundo louco. Mas, ali onde estou, tento tornar o ar mais respirável. Sano o que me insana e ensina. *CLVII*

Com quantos litros de sangue se faz um Ensino Fundamental? Com quantas vidas se gera uma Educação Básica? Aos estatísticos deixo a tarefa de captar outras violências para além daquelas já discutidas. *CLVIII*

A milenar arte da tatuagem deve ter precedido a escola, mas foi por ela superada. Na escola teríamos até abstrações. A escola sempre nos tatua. *CLIX*

O mercado financeiro, que sempre olha para frente, vê como obsoleto nosso currículo. Em parte concordamos... mas queremos atender o mercado ou deveríamos desejar um currículo para o humano na sua integridade? Sob esse aspecto, o atual currículo também é obsoleto. *CLX*

Coloque-os para se equilibrarem sobre apenas um pé. Depois peça que deixem uma mão sempre no ar rodopiando um lápis. Aí oriente para que vertam a cabeça para trás e mantenham, via sopro, um balão suspenso no ar que o outro deverá tentar furar. Talvez isso ajude a adestrá-los para o malabarismo que o mundo pede. *CLXI*

Mostre os diversos instrumentos de trabalho. As várias profissões com as quais convivemos e graças às quais temos sobrevivido.

Que esse olhar gere uma gratidão não acomodativa nem cheia de destinismos cretinistas.

Que isso evoque o quanto estamos vinculados e que não há nada sem o trabalho de milhares. *CLXII*



Queria desuniformizar as crianças.  
Nada me convence da necessidade de uma  
roupa que padroniza. Sem ela os pobres  
ficariam expostos? E se tal exposição fosse  
justamente necessária para iniciarmos uma  
revolução por roupas dignas para todos? E se  
essa marginalização exposta suscitasse novas  
coragens?

Convençam-me do necessário uso do  
uniforme! *CLXIII*

Por gentileza, como a “nuca” do aluno  
da frente passou a fazer parte do currículo? Os  
das primeiras carteiras saem sempre lesados  
sobre esse conteúdo. E os das últimas carteiras  
jamais ensinam a outros. *CLXIV*

Lentamente – em alguns momentos  
rápida e explicitamente – vai-se privatizando  
a educação. O desejo último é aquele de fazer  
da educação uma obração. E, depois de obrada,  
entregue àqueles cujos papéis higiênicos são  
comercializados nas bolsas de valores. *CLXV*

**S**empre argumentarão que não há verba suficiente, que outras são as prioridades. Há séculos esse discurso se presta a palanque eleitoreiro. Não ouse gastar de seu parco salário para suprir o que desce pelos ralos da administração pública. Dê-se, até integralmente, se necessário for, mas não gaste do seu dinheiro. *CLXVI*

**T**em criança que deve sonhar conosco. Possivelmente, desejam morar conosco. Idealizam-nos como os formidáveis membros de uma família. Coitadas! Elas não sabem o quanto somos complicados na intimidade. *CLXVII*



**E**os nomes escolhidos sugerem muito de uma virada religiosa. Alguns sobrenomes parecem vir de árvores genealógicas da realeza. Depois de uns 10 anos de magistério a gente percebe que alguns nomes e sobrenomes se repetem, inclusive nas perturbações. Podíamos lançar um livro com advertências:

*Não-nomes de crianças para pais indecisos. CLXVIII*

**F**ilme muitas coisas – Vai chegar uma idade que não gostarão de ver a própria imagem – deixe que criem filmes. Um roteiro que escape ao trivial. Uma tomada desde ângulos inferiores. Uma iluminação surgida da criatividade flamejante. Que eles mostrem o que tentamos, a todo custo, esconder. CLXIX

**E**squeça coisas propositalmente. Não espere recuperá-las. Exercite o desapego. Esqueça também aborrecimentos, chatices, reclamações. Tudo isso entra também no desapego. CLXX

**I**nvente com eles outros jogos. Que o esporte mostre para a escola essa segunda razão com toda a sua pujança. *CLXXI*

**A**s coisas somem no ambiente escolar. Misteriosamente elas desaparecem. Pequenos larápios? Não sei. O fio tênue da moral é tão elástico que ai de nós se, continuamente, não o emendássemos. *CLXXII*

**P**ara alguns poderíamos ter um delivery educativo. Bastaria selecionar o cardápio curricular e solicitar a entrega. A grande diferença é que atualmente o cardápio já vem pré-determinado e é o mesmo de Norte a Sul. Aifudelizaram-nos sem aviso prévio. *CLXXIII*

**F**ança da pergunta mais despropositada a ocasião ímpar de ensinar o que é relevante. Como a deixa de um personagem, pode ser por ela e na sua aparente idiotice que se inicia uma nova saga do saber. Exemplo: Há quanto tempo você não engole uma pedra? *CLXXIV*

**S**ó quando me vinculo, que sinto que sou parte, posso avançar no meu desenvolvimento e do grupo. Porém, há também os que desejam apenas desvincular! E, com esses, o suor será triplicado. *CLXXV*



**É** preciso ensinar burlas. Não teoricamente, mas facultando espaços para que eles saibam que conseguem escapar aos nossos parcos esquadrinhamentos. *CLXXVI*

**N**o canto da sala resta uma bolinha de papel. Projétil lançado a romper a passividade? Reparo ao lado um avião amassado. Antes fossem só essas as guerras que se travam na escola! *CLXXVII*

**U**m menino tosse, outra cospe, um terceiro com nariz verdemente a escorrer. Na outra fila um se coça, outra peida, um arrota. Todos se olham. Afinal, estuda-se a geografia corporal com seus revertérios. *CLXXVIII*

**T**EA, TDAH, TOD, DI, DA, DV... Não há siglemas suficientes para dizer o que nossa velha escola não consegue administrar. Isso sem contar a síndrome de pica e outras a aguardar nossos sobrenomes! *CLXXIX*

**“A** lei não retroage!” Será mesmo? A lei como lei invade passado, presente, futuro e eternidade. A lei na escola é sempre um retroagente. *CLXXX*

**E** quando olharem incrédulos diante do que você narra. Multiplique a emoção e leve-os a sentir como se lá estivessem, mesmo sabendo que tudo foi inventado por você. Está em nosso DNA inventar. *CLXXXI*

Há o silêncio das escolas.  
Há a insolência das escolhas.  
Há o bagulho das escolas.  
Há o barulho das escolhas.  
Prefira sempre a segunda  
alternativa. *CLXXXII*

A única coisa de que realmente  
carecem de nós é de que sejamos ignorantes,  
no sentido mais sócrático de sabermos que nada  
sabemos. Por isso, ali devemos estar  
com eles. *CLXXXIII*

Se no início parecer complexo, não  
se iluda. Do meio para o fim será ainda pior.  
Contudo, nessa travessia existe a possibilidade de  
uma felicidade chamada  
humanidade. *CLXXXIV*





**D**esenvolva a arte de dizer “não” como quem presenteia o outro com a irrecusável tarefa de repensar seus caminhos, estratégias, decisões. Treine as várias tonalidades de “não”. *CLXXXV*

**P**reencha as planilhas burocráticas como um burrocrata. Trabalhe com os confi(n)ados a você como um intelectual. *CLXXXVI*

**Q**uem não desejou estrangular aquele ser que se nos apresenta prepotentemente a questionar nosso saber? Mate-os mil vezes e eles continuarão a brotar em outros corpos. Assim a história nos ensina. Entre matar e maternar basta suprimir 3 letras. *CLXXXVII*

**A**s ficções não só nos projetam. Elas podem também nos retrojetar. Dê-me uma boa ficção e, finalmente, consumarei o sonho de Ícaro. *CLXXXVIII*

**M**iolo mole em cabeça dura, tanto embate ainda perdura. *CLXXXIX*

**I**ncentive a leitura dos clássicos da literatura. Outrossim, não se esqueça de que *A palavra que resta* ou *Torto arado* não virarão clássicos se não incentivarmos que sejam lidos. *CXC*

**R**ecorra aos especialistas, participe de cursos com os sábios doutores, deixe-se encantar de novo e redescubra que nos seus saberes há mais sabores. Afinal, na sua sala de aula, você sempre terá mil doutorados. *CXCI*

**T**ome água. Água daquela fonte que faz rever o dado e remover o engessado. Água que, mesmo suja, suscite um contorcer do novo. *CXCII*

**A**h, se preferir, tome café, não o adoce. Sorva cada golada, depositando ali o néctar que as mil abelhas que ferraram sua alma insistiram em destilar em seu viver. *CXCIII*

O pta por chá?! Sem problemas! Que bom! Habitue-se àqueles frugais cujo efeito mais imediato seja despertar seu inconformismo. Sugiro: Chá de desconforto escolar. Popularmente chamado de “desconfie de tudo”. *CXCIV*

O que é um atraso ou um avanço no contexto de um estudante? Isso sempre dependerá de um ponto, de um critério de referência. Se tal ponto for a humanidade, estou sempre avançando atrasadamente. *CXCV*

Seria muita ingratidão não reconhecermos o quanto aprendemos com aqueles e aquelas que passaram por nós como discentes. Mais que a graduação eles nos formaram docentes. *CXCVI*

**E**mbora não tenhamos feito curso de marketing ou propaganda, somos excelentes rotuladores. Isso até alivia nosso cotidiano. Mas não nos esqueçamos que todo rótulo é enganador. E também merecemos os nossos. *CXCVII*

**A**s tecnologias mil estão dadas para nos ajudar e também atrapalhar. Admiremos a IA, mas o façamos com muitos questionamentos. Sendo assim, insistamos no be-a-bá que nos permita humanizar. *CXCVIII*

**A**onda do lúdico nos tomou. Sinto certo peso de consciência por não ser tão engraçado, por não conseguir tornar divertidos determinados conteúdos, por não ser bom em plantar bananeiras vestido de espanhola. Mas temo consultar-me com um médico formado mui ludicamente ou morar num prédio projetado por um engenheiro que experimentou a graduação como passeio no parque de diversões. *CXCIX*

**E**ncha as mãos deles de teclados, os olhos de telas e continue a repetir o mesmo que os primeiros educadores modernos ensinavam. Considerando as condições e contingências... aqueles eram mais criativos que nós... *CC*

**E**scriviva textos. E nessa escrituragem toque nos problemas que mais nos impactam desde de dentro da sala de aula. Na vivenciografia de cada dia as pérolas do colar final. *CCI*

**I**mpossível que não tenham ídolos, que não copiem frases, modos de ser e de vestir. Abra espaço para uma desidolatria que faça do fã um afã de ser mais e melhor como pessoa, junto com a ralé que nos rodeia. *CCII*

**E**scola têm sirenes, pois o tempo ali é cronometrado, o estudo simultâneo e sincrônico. Coisa de fábrica... O tic-tac transforma-se nos dois atos da respiração: dominação e conspiração. *CCIII*

**E**, não mais que de repente, a garotinha leu. Abria-se, então, essa caixa que doravante tentarão fechar. Aler-te-a. *CCIV*





**A** cerca do desenvolvimento da criança é correto que se considerem as influências da hereditariedade e meio. Porém, não transformemos isso num determinismo de Gabriela, de pau que nasce torto. O hoje tem uma pujança tipicamente de presente. *CCV*

**U**m sono me acomete. Cedo docilmente. Acordo revigorado. Quem inventou que precisamos todos estudar e trabalhar nos mesmos horários? *CCVI*

**A**chei um lápis mastigado. Tive a impressão que a criança sugava aquela mistura de madeira e grafite. Buscar o centro não é tarefa fácil, mas pode proporcionar prazeres salivares intermediários. *CCVII*

**D**e uma total nulidade passou-se ao adulto em miniatura; posteriormente, ao sujeito educável e com necessidades específicas; chegando ao sujeito de direitos. Eu tenho assistido a velha nulidade, pequenos imperadores e muitíssimos flocos de neve. *CCVIII*

**O**nde mais eu posso aprender que não sou o centro de tudo?  
Onde mais posso constatar que meu saber é ínfimo?  
Onde mais descubro que todos são iguais apesar das diferenças?  
E idealizamos a escola como salvadora da humanidade... *CCIX*

**A** escola também não escapa às tendências e modismos. Inclusive os lança. Bom mesmo é comparar com a moda internacional e rir-se de nossas adaptações tupiniquins. *CCX*

**A**lguns aprenderão tudo. Até equilibrar-se num monociclo. Outros aprenderão o estritamente necessário à sobrevivência.

E temos aqueles que nada aprenderão e continuarão a existir. Mas para que ensinar tudo a todos? Não seria oportuno ofertar o banquete e acolher os pedidos de pratos específicos? *CCXI*

**E**nsine de um modo inusitado e que ele desperte nos estudantes um supremo desejo de ouvir um colega que acaba de abrir a boca. *CCXII*

**N**o que se refere ao aprendizado de outras línguas, cultive uma hospitalidade linguística e mostre que mesmo não conhecendo nenhuma palavra noutra língua podemos ser sensíveis ao que o outro vive. *CCXIII*

**P**ratique os sufixos. Pedacos tão pequenos, mais radicais que os radicais. Que as crianças percebam os riscos doentios dos “ismos”, os reducionismos pejorativos dos “istas” e que não há palavra neutra. *CCXIV*

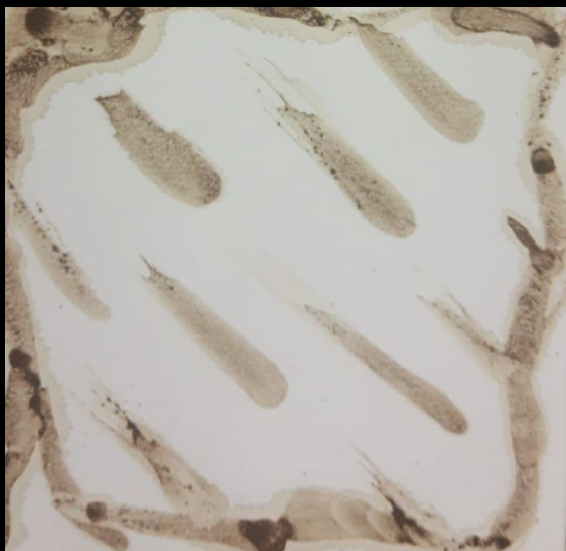
**S**empre que falam que eu deveria ter filhos, agradeço o elogio e concludo que há muita confiança na hereditariedade. Esquecem que filhos são flechas, são pedras disparadas da atiradeira... *CCXV*

**U**m professor me disse: “Você deveria ter nascido em Paris!”. Também agradecei e concluí que ele confia por demais no meio. Esqueceu-se de que Paris tem o rio Sena, tão poluído quanto o nosso Tietê. *CCXVI*

**N**inguém gosta de ser corrigido. Os perfeccionistas menos ainda! Entretanto, não vejo alternativa a não ser corrigir. Afinal, estão ali para aprender algo que ainda não conhecem e esse algo eu já domino. Mas que mal farei se não corrigir? E se descobrir que também não domino? *CCXVII*

**O** que Paulo Freire desejou parece delinear-se rapidamente no horizonte. Com tantos professores semi-alfabetizados, certamente as trocas entre professores e estudantes serão inúmeras. *CCXVIII*

**C**oloque 25 crianças numa sala e deixe um adulto com elas por 5h diárias. Não espere muito desse amontoado. Aguarde apenas a hora de buscar as crianças e deixe o tempo passar. Os aprendizes não funcionam com hora marcada. *CCXIX*



**I**nfelizmente, nossa produção em série é defeituosa. Nossas receitas de bolo dependem de cada “forma”. E tudo, todo o dia, começa numa nova aventur, numa nova criatura.  
Há vida. *CCXX*

**H**á bagunceiros de diversos estilos. Gosto mais dos dissimulados. Os que conseguem botar fogo na sala sem que sequer eu o tenha visto espalhando a gasolina. É meu estrategista predileto. Pirotécnico nato. *CCXXI*

**G**osto dos bagunceiros debochados. Aqueles que batem o olho em você e já veem uma característica sua que sobressai e deleitam-se em nos ridicularizar por expressões faciais, cacoetes, frases de efeito.  
Sinto-me na ultrassonografia. *CCXXII*

**A**dmiro os bagunceiros que conseguem justificar suas falhas com argumentações mirabolantes. Expressam muitas vezes como aprenderam muitos dos conteúdos ensinados. E como já sacaram que escola é só argui(menta)ção. *CCXXIII*

**T**enho prazer em conversar com os que embarcam em minhas canoas e se fazem companheiros de loucuras dialógicas. “O vidro temperado tem esse nome porque vai tempero na composição?” Ele me ouve e responde: “Sim! Tanto tempero que se você lamber sentirá o sabor!” Quase adoto esse atrevido. *CCXXIV*

**E**xplico a orientação da atividade pela enésima vez. A criança não entende e me pergunta novamente o que fazer. Começo a me exasperar. Peço ao colega da carteira de trás que explique. Ele o faz com as mesmas palavras que eu e a criança entende. Sinto um ódio incomensurável. *CCXXV*



**B**atalhe o ano todo com aqueles com mais dificuldade, mas não se aborreça se, depois de um final de semana com a família, ele jogar na sua cara que quem o ensinou a fazer tal coisa foi seu pai ou sua mãe. Alguns podem achar que blocos de mármore se esculpem de uma vezada só, você sabe que foram úteis suas marteladas. *CCXXVI*

**F**omente grupos e a sensação de que estar com o outro é boa para resolver os problemas. E também para arrumar novos problemas. *CCXXVII*

**A**lgumas disciplinas que pretendo  
acrescer ao currículo: Frustração I, II, III, IV,  
V, VI e VI (VIII, IX e X ficam para a graduação;  
de XI a C para as pós); Fracasso apesar de  
todos os esforços; Teimosia; Amarrar cadarços;  
Empreendedorismo de coisas que implodam  
o capitalismo; Projeto de vidas alternativas  
diante do mundo que nos engole; Liberdade  
de passar a mão na bunda do guarda e assumir  
o romance; Inutilidades do prazer de aprender  
por aprender com muito riso. Um dia a BNCC  
incorporará minhas sugestões. *CCXXVIII*

**T**ambém daria aulas de: Amarre o  
teu arado a uma estrela; Cada um sabe a dor  
e a delícia de ser o que é; Nos sabermos sós  
sem estarmos sós; Sutil llegaste a mí como  
una tentación; De volta ao começo; A carne  
mais barata do mercado é a carne negra; Meu  
choro não é nada além de carnaval; Eu sou feito  
purpurina; Eu pretendo levar a vida; Ela se jogou  
da janela do quinto andar...  
Mas acho que me demitirão... *CCXXIX*

**C**omo um sachê de chá colocado na água quente... Assim me sinto ao pisar na sala. Mas, ao contrário do sachê, parece que dali me recomponho. *CCXXX*

**A**queles meninos difíceis ficarão em nossas memórias, habitando ali na nossa angústia salvacionista, corrompendo nosso espírito redentor, abaixando nossas bandeiras messiânicas. Eles nos salvaram de nós mesmos! *CCXXXI*

**E**xistem palavras homônimas, homófonas, homógrafas. Há palavras a serem inventadas para que o mundo encontre as vozes abafadas pelas palavras dominantes. *CCXXXII*

**A** escola pública poderia ser uma mansão bem habitada e não uma casa assombrada. Mas onde colocaríamos os monstros sociais? *CCXXXIII*

**P**remie quem conseguir montar a melhor armadilha de prender aluno e comprovar seus avanços. Eu só olho, rio e penso: continua sendo armadilha e só pesca um tipo de peixe! *CCXXXIV*

**A**h, os índices?! Não se esqueça deles, das avaliações em larga escala, dos ranqueamentos sugeridos. Depois olhe para dentro das suas quatro paredes e viva o seu grupo de estudantes. Incomparavelmente seu! *CCXXXV*

**E**ncantam-me os pontos cegos da escola. Irritam-me profundamente, mas cumprem o seu papel: escapam aos meus desejos de tudo dominar, tudo ver, tudo saber. Deles não domino, não v(b)eijo, não sabo... *CCXXXVI*

**N**ão queira ser onisciente, onipresente, onipotente. Deixe para o Olimpo tais atributos. Seja você com seus lapsos, interstícios, limites e, acima de tudo, coragem para enfrentar o desconhecido. *CCXXXVII*

**E**ssa pedra bruta que todos somos exige lapidação constante. Mas as arestas ficarão para nos recordar nossa condição de diamantes incrustados em cascalho e barro. E muito barro! *CCXXXVIII*

**E**terá que enfrentar o desafio de não repetir a velha e mesma história. Cativar os mais novos para o desejo de inscrever-se na história para fazer dela casa viva. *CCXXXIX*

**E**scola é o país da mentira. E isso é bom. O único equívoco é que não temos conseguido êxito no processo de ensinar a mentir. *CCXL*



**O**s limites da escola são muito imediatos. Na maioria dos casos, não ultrapassam  $2\text{m}^2$ . Sobreviva e faça viver nesse quadrado. *CCXLI*

**E**les farão de tudo para escapar da chatice das aulas: sono, dores mil, idas ao banheiro, sede incessante. Você faça apenas uma coisa: relativize o que considera essencial. *CCXLII*

**U**m dos grandes aprendizados da vida é que constantemente perdemos. Talvez essa coisa de dar notas seja muito contraprodutiva, mas útil. Sempre perdemos! *CCXLIII*

**E**nsine a transgredir, a trapacear. Gaste saliva contando os inúmeros artifícios que você usou para estar onde está. Não me venha com a fala pudica de que nunca fez algo ilegal, imoral ou que engorde. *CCXLIV*

**D**esafie a turma a se proteger. Permita que façam do grupo uma armada forte e resistente. E não se aborreça se deixarem você de escanteio. Entre eles há grandes líderes. *CCXLV*

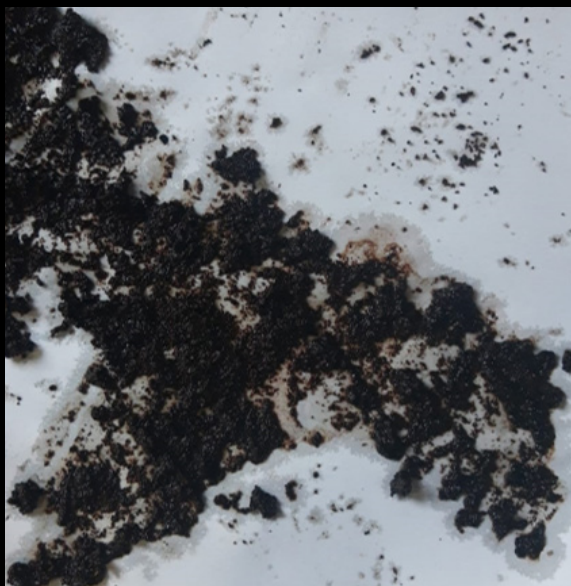
**N**ão me preocupo muito com a matemática. Quem passa seguidamente por infortúnios tem uma agilidade mental para contar os prejuízos e reiniciar os projetos. Os mais pobres sabem, desde o berço, muito de matemática. *CCXLVI*

**A**o contar histórias infantis – e aquelas não tão infantis – fale dos castelos maravilhosos, mas também das choupanas e casebres. Narre sobre bruxas terríveis e mostre que algumas delas habitam em corpos principescos. *CCXLVII*



**T**rate dos corpos que não se enquadram em nossa mínima polarização. Daqueles que escapam a tudo, que fluidamente transitam jogando em nossos rostos a verdade de que nosso pescoço move-se por desejo. E nesse olhar encontra-se um dos horizontes de nossas vidas. Apenas um... *CCXLVIII*

**C**onte de seus fracassos, insucessos, derrotas, reprovações. Sala de aula não é divã, mas o falar sobre os atropelos de sua vida pode contribuir para que surja certa criticidade diante de discursos que sugerem que com educação tudo se resolve, que basta se esforçar, etc. Que eles saibam, desde cedo, que há infortúnios e há afortunados... *CCXLIX*



**C**ombata a meritocracia. Meritocrate a solidariedade de cada dia. Aquela caracterizada, às vezes, pelo lanche compartilhado ou até roubado. Também não entendo o motivo de não se poder ajudar em provas... *CCCL*

**D**eixe que derrubem tudo. Esse instinto demolidor aponta para a função da educação que é sempre de destruir, desmanchar, para depois construir e, novamente, des-montar... *CCCLI*

**N**ão permita que falem mal dessa escola pública, a despeito de tudo que há nela e que não funciona, nem caminha, nem desengrena – ao contrário, gangrena! Tem muitos interessados em desqualificá-la para se apresentarem como novos arautos da verdadeira luz. Tenho pavor dessa gente!!! *CCCLII*

**B**rigue por seus direitos, esperneie até cansar. Talvez, cansar-se seja a única coisa que conseguirá. Mesmo assim, esperneie por seus direitos e também pelos seus esquerdos... *CCCLIII*

**P**roduza textos. Não me importa se serão receitas, emails, bilhetes, grafites, pinturas letradas. Do magma que nos move acolha as erupções e ereções dos vulcões textuais. O papel aceita tudo e, nesse absurdo, há uma possibilidade de mais e mais romper com o óbvio. *CCCLIV*

**T**rabalhe a despontuação dos textos. Que uma vírgula seja apenas um sinal para me provocar freadas bruscas no caminho é indigno! Quero vírgulas, pontos diversos e formas outras não gramaticais para eu pendurar nos textos e ensaiar outras maneiras de se dizer, de se falar, de ser fluente. Desvirgule-se para virgolinear-se! *CCCLV*

**E**scola não é família. Ninguém tem dúvida disso?! Mas as crianças, agora tão solitárias e monoliticamente reinando em suas famílias, descobrirão o prazer de ter um irmão ou irmã de escola. Afinal se há tias nas escolas, qual a justificativa para não se ter irmãos? Deixe que as crianças descubram aquela pessoa que parece que foi gerada no mesmo sonho de o mundo agitar, cabular, presepeirar. *CCCLVI*

**N**ão se culpabilize por ser um certo tipo de educador(a), nem tampouco culpabilize os estudantes pelas situações esdrúxulas que vivenciam. Se for para buscar culpados, o banco dos réus deverá ser maior que o mar. *CCCLVII*

**U**m dia – e ele não costuma tardar – alguém soltará um palavrão dirigido a você. Eu aproveitaria para fazer uma orgia vocabular e pediria a contribuição de todos, começando por listar os diversos nomes e apelidos dados ao cacete e à buceta. Se as famílias questionarem, foi um exercício de partilha do que não podemos dizer, mas sempre desejamos falar e que, certamente, consumiu algumas horas... *CCLVIII*

**A**contecerá num dado momento que você se perguntará por quê desgraça foi parar nessa profissão. Certamente, chorará. Durma!!! Uma boa noite de sono costuma nos permitir novos olhares. *CCCLIX*

**E**nvie bilhetes e neles catarsee sua experiência com esse pedaço de gente chamado aluno. Acolha também a catarse de lá, de quem tem que suportar aquela existência para além dos dias letivos e pelo resto da vida. *CCCLX*

**D**eixe tudo registrado. Seja neurótico e coloque tudo por escrito. Será um ótimo treino de escrita e cacografia. Ainda te pegarão naquilo que escapou à sua pretensão de tudo registrar. *CCCLXI*

**P**repare-se para assumir funções que não foram as de sua graduação. Diante do biscoito sumido, será você investigador. No caso da menina que xingou a outra, desejarão ver você como delegado. Sobre o problema ocorrido no casamento, te quererão como vara da família. Transite risonhamente sem se identificar com nada. Viva como a Monalisa. *CCCLXII*

**O** objetivo não é esse, mas que a presença de alguns alunos nos faz repensar tudo o que fazemos há séculos, faz!!! Talvez, para nos ajudar a cortar o cordão umbilical com a tal escola tradicional. *CCCLXIII*

**C**arregamos conosco os professores que por nós passaram, os colegas que nos toleraram, as escolas que nos deram acolhida ou nos desabandonaram. Por mais que vigiemos, ora ou outra, estaremos a repetir ações dessas vivências do passado. E isso não é carma ou reencarnação. São nossas experiências falando mais alto que nossas formações. *CCCLXIV*

**Q**uando tudo parecer um tremendo caos, apenas respire. A escola sempre foi e sempre será, por detrás da aparência cósmica, um e-terno caos. E é isso que ainda conserva um pouco de vida a pulular. *CCCLXV*

**N**ão existem soluções fáceis para nada na educação. Lidamos com o humano na sua mais alta e complexa capacidade de gerar conhecimento. Tudo pede tato, paladar, olfato, visão e muita audição. Sem se esquecer de um sexto sentido... *CCCLXVI*



**P**arte de nosso trabalho é pura mecânica operacional. E o tecnicismo mostrou-se muito hábil. O problema é a parte que é pura relação de subjetividades desde uma pretensa objetividade que é o conhecer-aprender-ensinar-con-viver. *CCCLXVII*

**A** régua nem sempre é reta. Alguns ângulos não são nunca por nós percebidos. Vivemos errantes, tateando pelo chão da escola. E os esconderijos obscuros que criamos são, possivelmente, formas de sobreviver num lugar em que se deseja tudo explícito e esclarecido. Melhor obscurecer! *CCCLXVIII*

**P**ara alguns médicos, os estagiários são a nova medicação a ser prescrita aos alunos com necessidades educacionais especiais. Esquecem-se de que estagiários são, mais que nós, aprendizes. E muitos nos ensinam demais. *CCCLXIX*

**D**e que são feitas nossas esperanças?  
Uma mistura de fé no humano, confiança na  
educação, respeito ao passado, clara percepção  
de nossa in-utilidade social. *CCCLXX*

**T**alvez existam crianças inacessíveis.  
Para elas, esse ou outro currículo, possivelmente,  
em nada ajudará.  
Contudo, o estar com elas pode ser,  
ambiguamente, um desespero para nós e um  
alívio para os seus. É um percurso. *CCCLXXI*

**E**xcepto o exercício da paciência,  
algumas reuniões não gerarão outros frutos.  
Colhamo-na! *CCCLXXII*

**A**tendência à culpabilização/  
responsabilização dos estudantes nem sempre  
caminha na direção da autonomia. Essa coisa  
depende de um investimento destinado a  
inúmeros insucessos. *CCCLXXIII*

**A**s queixas de dores pelo corpo mostram o quão hipocondríacos alguns já se tornaram. Um dos melhores remédios pode ser uma gota de café num copinho de água. Mas outras dores jamais passarão! *CCCLXXIV*

**O**lho para alguns mini adultos e torço, ardentemente, para que a criança embotada deles desabroche na idade adulta ou na velhice. As inversões também me apetezem. *CCCLXXV*

**C**onforme o tempo passa mais neuroses se criam sobre a escola. E a pandemia contribuiu mais ainda para isso. Escola e saúde sempre foram gêmeas siamesas. *CCCLXXVI*

**A** cantiga de ninar emanada pela escola ou a flauta, tocada contra o desejo de Hamelin, continuam a arrastar ratos. Uma escola que não canta para acordar, talvez, não sirva para o escolar. *CCCLXXVII*

**A** aula, mesmo prometida e anunciada, deve nos surpreender num diálogo encantador em que as vozes vão surgindo, provocando-nos a dizer o que não foi prometido e anunciado. A aula nasce na aula. *CCCLXXVIII*

**M**uita gente gostaria que a escola fosse e funcionasse como uma maquete. Cada parte em seu rígido lugar estancadamente. Escola parece-se com quase tudo, menos com a patética imobilidade da maquetica. *CCCLXXIX*

**A** administradores chegam com planilhas, apontam para dados estatísticos etc. Calcula-se o perímetro a ser dispensado a cada estudante. Por  $m^2$  se diz quantos alunos cabem numa sala. Tenho uns dois meninos que talvez ocupem  $58m^2$ . E ainda faltará espaço para eles... *CCCLXXX*

**N**a escola se comprova que algumas crianças foram abortadas em idade tardia, ou melhor, em idade escolar. Os familiares as rejeitam, ignoram, desfazem-se delas por motivos vários. Elas nos têm por não serem mais tidas por ninguém. *CCCLXXXI*

**C**ontingências, confluências, convivências, consistências, congruências, competências, convalescências. Tina, flua, viva, sista, grua, peta, valas entre *con* e ências. Consciências em excrescências flatulências! *CCCLXXXII*

**E** numa noite, anos mais tarde, eles se encontrarão e, entre muito risos, recordarão dos anos na escola. E, em meio àquela galhofa, perceberão que muito do que aprenderam não foi o que ensinamos. *CCCLXXXIII*

**A**lgumas crianças são tão precocemente adestradas que, ao observá-las, é quase impossível não transportá-las para o futuro e vê-las a repetir os modelos mais tradicionais: um trabalho medíocre, um casamento cômodo, a proliferação filial. Mais uma vez nos enganamos. O “desenvolvimento” pode colocar abaixo toda essa construção idealizada pelos pais e endossada por nós. *CCCLXXXIV*

**O**s cursos de pedagogia poderiam ter aulas de arte circense. Aprender com os palhaços a interagir com a plateia sem nunca perder a graça. Jogar-se no ar como os trapezistas e confiar-se totalmente nas mãos do outro. Tirar da cartola aquele brilho nos olhos. Rufar os tambores do peito a cada mão levantada. Saber-se sempre de passagem e que cada dia é um novo espetáculo! *CCCLXXXV*

**C**ontra todo o discurso que idealiza a pureza e inocência das crianças, nós as assistiremos fazer comentários mordazes, de uma crueldade coiooteana, principalmente quando captam o quanto a dor pode gerar certo regozijo. Nessa hora os veremos verazes e vorazes. *CCCLXXXVI*

**D**escobrimos com certa rapidez que os familiares não conversam entre si. Apesar da boa intenção de nossos bilhetes, talvez seja um colega mais expert quem os lerá. E o tempo será o culpado por não se olhar cadernos, agenda, mochila. “Afiml, ele já precisa ter responsabilidades?” *CCCLXXXVII*

**U**ma escola tarefeira, com professores tarefeiros, com alunos tarefeiros, com estagiários tarefeiros, com pedagogos tarefeiros, com coordenadores tarefeiros, com diretor tarefeiro. Funcionará maravilhosa e tarefeiramente e cumprirá o desejo neoliberal de não se refletir sobre o que se faz.

E isso não seria mais uma tarefa... *CCCLXXXVIII*

**E**las são crianças e seu universo, a ser respeitado por nós, exige fantasia, imaginação, encantamento. E isso vem acompanhado da falta de capricho para com coisas que acreditamos mais importantes e essenciais. Que as famílias mandem sempre uma roupa limpa na mochila se quiserem-nas de volta, aparentemente, tais quais nos entregaram. *CCCLXXXIX*

**F**alei que era importante uns cuidarem dos outros e se ajudarem. Uma mãozinha se levantou: “Hoje, quando vinha para a escola, vi um homem com fome. Falei com minha mãe que a gente tem que dividir o pão!” Olhei para o garotinho e pensei: “Sempre Marx pode se reencarnar!” *CCXC*



**A**lguns eu conheço melhor que os próprios familiares. Sei deles o que a “família” desconhece. E, mesmo assim, pedirão minhas credenciais paternas quando disser algo sobre aquelas crianças. Como se meus dez cachorros não tivessem me ensinado que minha voz é mais um ladrar em vão. *CCXCI*

**E**m algum canto inventaram a sandice de que para trabalhar em escola basta gostar de crianças. Nem todo o amor do mundo é capaz de fomentar o profissional docente que se deseja. Nádegas desconfortavelmente apoiadas na cadeira e cara enterrada nos livros, gerando miopias, costumam ajudar muito. *CCXCII*

**E**xiba filmes os mais variados. Leve-os ao cinema! Ou faça um dia de cinema. E torne aquele escuro precioso e perigoso, de onde um fecho de luz emana a possibilidade de outros mundos, um momento de formar-se pelo olhar. E você, docente, veja muitos filmes. Preferencialmente, os mais estranhos. Para que sua cabeça seja habitada pelo improvável! *CCXCIII*

*C*omo lagartixas e salamandras eles permitem que cortemos os seus rabos. Para nossa infelicidade, rapidamente, se regeneram.

Outros, como axolote, deixam-se mutilar em outras partes e também se regeneram. Para nosso desespero, alguns como o alce, são capazes de regenerar até os chifres.

Determinismo? De modo algum! Pura reexistência! *CCXCIV*

*L*úcidos lúdicos lúgubres lúdibres  
lúbricos lúfoscos lúpodes lúnipos lúpulos.

Uma pequena receita do que somos como proparoxítonas acentuadíssimas. Naturalmente curiosos? *CCXCV*



**A**s mães os entregam no portão. Até os abençoam. Certamente temem o que nós, educadores, faremos com eles. Muito do que fazemos elas, veementemente, discordam, detestam, contestam, toleram e, em casa, desfazem. *CCXCVI*

**O**tampo da mesa transformou-se numa tela. Depois de retirar o grafite do lápis, ela rabiscou toda a mesa, formando um assustador e tenebroso desenho. Puniram a menina mandando-a lavar a mesa. Ela deve ter se sentido a escorrer. Pena que não virou uma pintura de Dalí... *CCXCVII*

**E**les chegam calçados, mas optam por sentir o frio ou calor do chão. Rompem os cadarços, dão nós, fazem laçadas, deixam sapatos, tênis ou chinelos organizados simetricamente no canto da quadra. Cultuam a brincadeira como quem entra na nova mesquita. *CCXCVIII*

**P**recisamos sempre de estandartes para defender e nos defender. Envoltos nessas flâmulas com seus slogans dignamente assinados, tão emblemáticas, no puído da vida fazemos nossas escaramuças. *CCXCIX*

**J**unte muitas tralhas e porcalhas, aquelas coisas inúteis e desperdiçáveis, coloque tudo numa caixa. Entregue para as crianças. Elas conseguirão criar coisas e ligações que a sua escolha aleatória jamais preveria. *CCC*

**P**or mais invisíveis que os imaginemos, os fios que seguram os fantoches, marionetes e mamulengos da educação sempre podem ser cortados, rompidos, desmascarados. E outras máscaras cairão. Para isso usemos as tesouras de nossa criatividade resistente. *CCCI*

**R**ápidas conclusões escolares, ditas num pedagogês invejável, só servem para nos enganar acerca daquilo que, de fato, gostaríamos de realizar. Mas esse realizável pode ser feito noutras línguas. A do inconformês e a do ignorês. *CCCI*

**A**lgumas crianças defecarão na escola. São admiráveis em seus relógios. Outros, mais pudicos, reservarão para as privadas de suas casas o barramento. Alguns adultos, professores inclusive, também verbodiarreirão. Nos três casos incomoda-me apenas o pensamento de alguns de que sempre o outro é quem deverá limpar sua bunda. *CCCI*

**S**into saudades das pautas de papel. Queria poder colocar no campo de registro de presenças algo muito particular. Usaria a letra **F** para os que tiveram a alegria de estar na escola: felizardos que se viram livres de suas casas! Usaria **P** para os que perderam a oportunidade de estar comigo e serem outros que não aquilo que suas famílias e responsáveis exigem. *CCCI*

**N**ão suporto aquelas pessoas tão ternas e boas, em cujo sorriso constante aparece a mediocridade e falsidade. Quero gente que se angustia e seja sensível aos tapas, rasteiras e socos que a vida dá às crianças com as quais lidamos. E, em alguns casos, só restará minha voz junto com o grito daquela criança. *CCCV*

**Q**ue saibamos aproveitar a presença de cada visita. Sala de aula tem entra-e-sai. E quando chega o outro se poderia jogá-lo na roda. Imaginou se, quando estivesse estudando sobre translação, chegasse o chaveiro para consertar aquela porta que faz tempo range e não fecha? A começar pelo nome, talvez pudéssemos com ele dialogar sobre as voltas da terra e as voltas da fechadura. Um pequeno Galileu possivelmente nos acompanhará. *CCCVI*

Fico imaginando o dia em que as crianças nos perguntam sobre nossas vivências afetivas, sexuais. As mais tímidas talvez o façam com certo rubor na face. Os impossíveis nos jogarão essa pergunta em meio a um tema totalmente diferente. Parece até fuga de tema! Que nada! Hora certa para declarar que todo o amor vale a pena e que, em algum momento, eles também irão se apaixonar e sentir seus corpos serem governados por forças incontroláveis. E quem sabe, depois de anos você não estará dando aulas para os filhos e netos de seus alunos. *CCCVII*

A mãe de A. o levava e buscava todos os dias. Todos os dias na escola e interessadíssima em todos os desenvolvimentos do filho. Em seu rosto o vívido temor de deixar o menino andar sozinho. De repente, o garoto, depois de quatro anos, passa para o 5º ano. Como mágica, a mãe diz: “A partir de agora ele já vem e vai sozinho!” Nunca mais a vi. Penso que ela concluiu ter agora um pequeno adulto em casa. Fico imaginando como um ano é capaz de mudar radicalmente a forma de agir de uma mãe. *CCCVIII*



O B. nos chegou com uma série de recomendações. Violentíssimo nas três escolas por onde passou, prometia-nos um ringue diário. Vivia em um abrigo.

B. ficou ali conosco. A única coisa que consegui com ele foi fazer barquinhos de papel e soltar na enxurrada que invadia o pátio da escola. Ao menos, não me bateu. No entanto, fez-me pensar em muitas outras lutas e navegações. *CCCIX*

P ara os pais de C., tudo o que fazíamos estava errado, nossa escola não prestava, apontavam-nos nossas falhas pedagógicas. E, acredite, concordo com eles, são muitas! Já se passaram três anos e nós, os mesmos imprestáveis, continuamos servindo a C. Há um conforto em mim. Talvez, por saber que, como imprestável, essa escola ainda presta para alguma coisa. Investigarei com eles... *CCCX*

**N**aquela terça a professora mandou D. para a coordenação. Ele não havia trazido nenhum material escolar. Questionado sobre o motivo, D. me diz que tudo molhou, pois sua casa não tem mais telhado. Recordo-me da chuva da noite anterior, lembro-me de Vinícius de Moraes, mas concluo que aquela casa de D. não era nada engraçada. E desgraçada a cobrança escolar! *CCCXI*

**E**m tempos de tantos príncipes e princesas, alguns tratados como reis e rainhas, a mãe de E. desbanca de seu castelo e vai até à escola. Apresenta-se como mãe participativa, interessada. Lá pelas tantas diz ter feito Pedagogia e pós em Neuropsicopedagogia. Ambas a distância. Distancio-me, afinal ela já sabe a cura da alma e do corpo da escola e tudo o que é necessário para o reino. *CCCXII*

**E**ra fim do dia. Vejo apenas a confusão começando próximo ao portão. F., um mentiroso contumaz, havia espalhado o seu rastilho de pólvora. Duas garotas se engalfinham e ele, de longe, ri. Assim começam os combates! *CCCXIII*

**A** saúde daquela criança era visivelmente fraca. A família nos apresentou G. como portadora de uma doença rara que tornava seus ossos frágeis como cristal. Sobressaltados nos perguntávamos sobre alguma redoma que estivesse no almoxarifado. Para nossa surpresa – e também da mãe –, G. corre e brinca e os cristais ainda não se partiram. Ansiedade compartilhada: criança! *CCCXIV*

**N**unca se pode prever o que nossos corpos produzem como rejeição à escola. H. cagava nas calças todos os dias. *CCCXV*



Põe reparo naquele aluno quieto demais, como o I.

Aquele que não demanda nunca a sua atenção nem a sua intervenção. Aquele que passaria despercebido durante todo um ano letivo.

Repare nele. Ele está aí. *CCCCXVI*

Gasto tempo pensando que J. nunca será parado por policiais. Seus olhos azuis naquele rosto tão branco, acompanhado de seu semblante sempre sereno, esculpe a imagem da pessoa correta, sensata. Cretino, J. sabe muito bem disfarçar suas artimanhas e culpar colegas pelas coisas que apronta. E quando afirmo que foi ele, até os colegas olham-me com descrédito. *CCCCXVII*

A professora apenas verbalizou aquilo que era consenso de todos: K. era insuportável. A família de K. indignou-se com palavra tão aviltante e, prontamente, pôs-se a defendê-la. Considerando o diálogo com o pai e a madrasta, concluí que K. os suportava mais que eu. *CCCCXVIII*

**L.** era um corpo a romper com nossos binarismos. Via-se ali uma menina, mas preferia ser chamado de rapaz e por seu nome masculino.

E mesmo quando estava de saia, questionava nossa capacidade de querer enquadrar-lhe em qualquer denominação. *CCCXIX*

**P**or falar em L., aquele menino do 4º ano, o M., questionou-me se transgênero era o mesmo que transgênico. Respondi que transgênero era igual a vida e transgênico igual a morte. Mas que, facilmente, matam os transgêneros e deixam viver os transgênicos. *CCCXX*

**Q**uando N. me disse que seu pai estava preso os seus olhos brilhavam de felicidade. “Meu pai, meu herói!” Indescritível a sensação de saber que há outras formas de perceber o mundo. *CCCXXI*

**C**omo sempre, mais uma vez recebo O.

A professora reclama de seu comportamento e do fato dele não saber fazer um “O” com o copo ou com outra coisa anelar ou anular. Tento motivar O. a estudar, falo da importância do 5º ano.

Ele me diz: “o problema é que eu não fui babetizado”. Eita, escola terrível, que não ensinou a O. o melhor de A Festa de Babette. *CCCXXII*

**Q**ueria muito que P. e Q. fossem meus filhos. São gêmeos e das criaturas mais endiabradas da escola, mas, ao mesmo tempo, pessoas das mais amáveis. Apenas iria desejá-los de cabelos cor de fogo, pois eles são a personificação do incêndio. *CCCXXIII*

**P**recisava muito desengasgar algumas coisas sobre R. Como sopa tomada pelas beiradas fui me aproximando dos temas mais quentes. R. sorri e me diz: “você sempre dá voltas para depois fazer sermões!” *CCCXXIV*

**C**ontei para S. que eu tinha dois irmãos mais velhos. Ela olhou-me e, do alto dos seus 6 anos, concluiu: “Você está quase chegando perto da morte!”. Eu sorri e estiquei a conversa: “E, quando a gente morre, o que acontece?” Foi a vez dela sorrir: “Arrumam outra pessoa para trabalhar na escola, no seu lugar!”.

Uma feliz recordação de minha vida perecedoura. *CCCXXV*

**T**em criança com língua presa, para fazer contrapeso com as de língua solta. Quando ouvi T. pela primeira vez, fiquei incomodado com aquele modo de falar. Hoje acho que tem uma elegância invejável. Coisa de minha cabeça padronizar o jeito de se expressar. Vai que ele destaramele essa língua... *CCCXXVI*

**D**esgraçadamente, U. só era chamado de “desgraça” por todos os seus familiares. Coitado! Desgraça era ter aquela família! Um dia, emputeci-me, ou quem sabe, beateci-me putamente: “De fato, U. só pode ser uma desgraça. Banana não nasce de laranjeira!” Agora, a desgraça sou eu! *CCCXXVII*



**E**la conseguia tirar qualquer um do sério. V. era a aluna que tumultuava todas as aulas, mas estava na escola todos os dias. V. vivia ali para nos fazer desejar uma outra escola. Mas ela não atingiu seu objetivo. *CCCXXVIII*

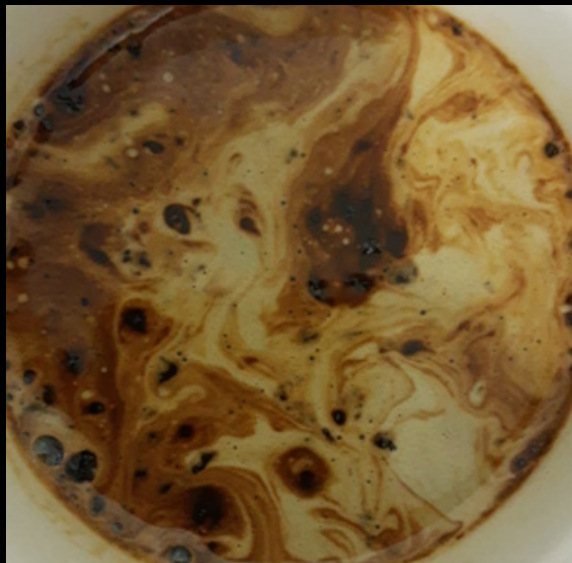
**C**onfesso que eu defendia W. com todas as minhas forças. Diriam até que eu feria a isonomia. Mas W., tão bem criado pela rua, era aquela pessoa que descoladamente superava todas as dificuldades. Sei o quanto isso irritava os tímidos, inseguros, mimados, medrosos, cagões. W. era o meu ídolo. *CCCXXIX*

**X**inguei muito quando questionaram o desenho de X. Pediram para desenhar uma planta. Ela desenhou uma folha de maconha. Esqueceram dos efeitos medicinais? E recordei de meu chaveiro com folha de coca. *CCCXXX*

**A**ssumo minha incompetência. Quero apenas deixar Y. fazer o que quiser. Não sei como ensinar nada para ele. Talvez, eu tenha que com ele aprender ou talvez ele prenuncie o tempo do não mais estudar. *CCCXXXI*

**F**oi na fila da merenda... Z. me olha e pergunta: “O infinito é o zero?” Custei para entender a questão. E ele ainda estava no 3º ano. *CCCXXXII*

**E**ra preciso parar, pois o canteiro já estava tomado. Eles futricaram tudo e mostraram as raízes misturadas de nossa educação. Em meio àquelas mais sedimentadas, brotemo-nos daninhamente. *CCCXXXIII x II*



## EPÍLOGO

*Concluí essa sementeira na semana de 16 a 22 de abril de 2023.*

*Pelo Brasil afora, até mesmo em cidades do interior, apareceram notícias de possíveis ataques a escolas. Uma angústia enorme sobressaltou-nos. Éramos todos reféns de inúmeros temores e tremores.*

*As soluções rápidas e midiáticas compunham o mesmo réquiem de que tudo se originava no bullying e, mais uma vez, era desvelado o desejo de culpabilizar a escola e seus profissionais por aquilo de que ela também era vítima.*

*Em meio ao furacão nem sempre é fácil enxergar para que lado caminhar. E eu me sentia ainda mais impulsionado a repensar o papel da escola desde outras questões nem sempre contempladas. Ao contrário dos discursos oficiais que colocavam toda a esperança sobre o policiamento, eu continuava a contemplar e acreditar noutra escola que se cerca de linhas de fuga e não se deixa apreender por grades, portões e ferrolhos.*

*Lanço as sementes que posso na contingência do que*

*me escapole e me extrapola. Faço-o na certeza de que palavrear é falarvear e, quem sabe, brotem outras tantas ervas a cobrir as velhas pragas que já habitam os edifícios. E, um dia, nós que tanto amamos demolir para construir, arrisquemos colocar no chão e no caixão toda essa coisa chamada escola. E, diante daquilo que se foi, saibamos chorar a falecida, mas deixemo-nos mover pela vida e fazer aulas nos jardins, nas praças, ao ar livre, saboreando o fresco da vida que não se consente ser aprisionada e determinada.*

*É por des-acreditar na escola que planto sementes. É por desejar esse espaço que me faço semente. É por antecipar no possível a utopia anseante — e pouco asseada — que me coloco escrevente. Para que deixando rastro, tal qual a gosma de um caramujo, nele reluzam trilhas de coisas outras.*

*Que o sorriso, um dos desejos que moveu-me ao escrevunhar, tenha vindo ao seu rosto, tocado sua face, desfeito o mal estar e o molestar. Em mim esse sorriso vinha desde o âmaggo, em movimentos que faziam meu interior pedir um dizer que expressasse o que visceralmente eu pensaria.*

*Em cada grão, pó, gota de café o extravasamento do que na escola coei.*

*Em cada aforismo uma pequena euforia e um pedido de alforria.*



**DENTRO DELE HABITAM ERVAS  
DANINHAS E DANOSAS:  
UM POSFÁCIO NA RAIZ DA AMIZADE**

*Sento-me no jardim de minha morada e me dou a ler  
o que me é dado.*

*O vento acaricia meu corpo, permeia minhas entra-  
nhas a cada palavra sua.*

*Ele me devora.*

*Abro meus olhos e vejo-lhe. Retratos de um ser envol-  
vente, amigo, amável, vibrante... sofrido, padecente, coerente,  
resiliente*

*Trincas somente, não pedaços*

*Uma vida inteira, ligeiramente vagarosa, porque  
assim é o pensar autêntico*

*Quem na vida não se doa, pouco perdoa. Dá-se sem  
preocupações, mensurações, reclamações e receberá na medida  
certa a gentileza da vida.*

*Olhos curiosos, mas sempre repletos de serenidade,  
amizade*

*Sozinho não está no mundo. Reage e sente-se à beira*

do caminho, na relva,  
olha o rio e descobrirá o sentido do viver.  
A vida é um amontoado de acontecimentos que guar-  
damos no profundo de nossa alma. Não amontoe dores, nem  
traumas.

Eles não servem de alicerce.  
O amor é civilizador. Ele torna a dor suportável.

Por isso educa-dor!  
Palavras são pedaços de nós jogados ao vento. Voem as  
palavras e nossos corpos!

Informo-lhe que as formas não são rígidas.  
Elas são incomuns, desproporcionais.  
Formas não são formais.

Dizem que fogo de palha é coisa que passa.  
E as cinzas?  
Tomara que o vento sopra e que elas se espalhem em mi-  
núsculas partículas contagiando os corpos que lhe tocaram fogo.  
Tem um provável defeito que a humanidade condena,  
mas que os sábios amam:  
o erro.

A vida é uma escola, mas nem toda escola é uma vida.  
Como assim?  
Viva e aprenderá!

Se tem uma coisa que incomoda os doutores essa coisa  
chama-se experiência. Tenho receio dos que receitam muito.



*Quando quiser desancar tome sua mochila e caminhe  
observando a estrada.*

*O mais agradável lazer é fazer-se caminheiro na esca-  
lada da vida.*

*Não se colhe fruto, sem que haja o cultivo da semente.*

*Melhor que comer, é ensinar. Ainda que falte a comida,  
ama o que faz e terá sempre com que saciar sua fome e sua sede.*

*Em casos de falta de nexo, segue o seu destino e escreva  
novas palavras e deixe que o vento as carregue. Haverá algum  
ouvido, em algum tempo que as acolherá.*

*Nunca cante debaixo do chuveiro.*

*Ninguém ouvirá a sonoridade de sua voz, senão as  
paredes fechadas e a água que desce pelo ralo.*

*Cante o seu canto em qualquer lugar.*

*Assim, fazem os pássaros.*

*Se quer educar alguém começa por você.*

*Desaprenda o que lhe ensinaram e cria coragem de  
ser feliz.*

*Viva.*

*Amar não é um conceito.*

*Amar é forma de liberdade.*

*A escola deveria ter forma de amor.*

*Basta um gesto, uma palavra com gentileza e a vida se  
tornará menos sofrida.*

*Não sei se os livros ensinam isso.*

*Sei que o seu sim, José.*

*Indelévels são as marcas do tempo. Não se recuse a  
enxergá-las e amá-las.*

*Assim, as páginas de um certo educador, que mais dor  
tem do que educa,  
pois é ciente de sua não condição de ensinar.  
Não se ensina!  
Cocega-se o saber!*

*Mantém-se, pois fora cativado pelo atrevimento que  
lhe roçou como um ladrãozinho que nos rouba virginalmente a  
nossa infância.*

*Brinca com as palavras.*

*Escrever, escrever para que não sejam minhas nem suas?  
Atrevido distante, treme as pernas, como gesto de tran-  
sa pela erva daninha que aquece seu coração!*

*Jairo Barbosa Moreira<sup>2</sup>*

*Maio de 2023*

*Tempo de espera dos frutos do verdadeiro outono,  
aqueles com os quais nos lambuzamos...*

---

2 Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Goiás, mestre e doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás. <http://lattes.cnpq.br/1108178755842942>



*Para quem deseja outras educações e outras escolas...  
Para os meninos e meninas que fomos na escola e pelo  
que poderíamos ter sido.  
A todos os admiráveis ineducáveis que cruzaram  
meu caminho.*

Especial agradecimento aos que comigo convivem  
e permitem-me brincar com as palavras e também  
palavroeiram de forma a tornar o falar  
um potência resiliente.

## O AUTOR

José Raimundo Rodrigues é mineiro de Carandaí, embora na certidão conste Barbacena como sua naturalidade. Ainda na graduação fez suas primeiras incursões na educação num projeto de educação popular de jovens e adultos na periferia de Contagem, bairro Nacional, e depois na periferia de São Paulo, Jardim Miriam. cursou Teologia no Seminário de Mariana e fez mestrado e doutorado em Teologia Sistemática com os jesuítas da FAJE-BH. Discutiu a encarnação do Verbo, ou seja, estava envolvido com a Palavra. Desde 2010 atua como Coordenador de Turno na Rede Municipal de Ensino de Vitória-ES. Embrenhou-se tanto na educação que decidiu fazer outros mestrado e doutorado. E assim investigou coisas da Educação. Foi mordido pela comichão de pesquisador e tem se aventurado por pesquisas sobre história da educação de surdos.

E-mail: [jrrzenga@yahoo.com.br](mailto:jrrzenga@yahoo.com.br)

<http://lattes.cnpq.br/0054461655991890>





EDITORA  
SCHREIBEN